

ILUSTRAÇÃO



As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1—**DA TERRA A LUA**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.
- 2—**A RODA DA LUA**, 1 vol.
- 3—**A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS**, 1 vol.
- AVENTURAS DO CAPITÃO HAT-TERAS:**
- 4—1.ª parte—*Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.
5—2.ª parte—*O deserto de gelo*. 1 vol.
- 6—**CINCO SEMANAS EM BALÃO**, 1 vol.
- 7—**AVENTURAS DE TRÊS RUSSOS E TRÊS INGLESES**, 1 vol.
- 8—**VIAGEM AO CENTRO DA TERRA**, 1 vol.
- OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:**
- 9—1.ª parte—*América do Sul*. 1 vol.
10—2.ª parte—*Austrália Meridional*. 1 vol.
11—3.ª parte—*Oceano Pacífico*. 1 vol.
- VINTE MIL LÉGUAS SUBMARI-
NAS:**
- 12—1.ª parte—*O homem das águas*. 1 vol.
13—2.ª parte—*O fundo do mar*. 1 vol.
- A ILHA MISTERIOSA:**
- 14—1.ª parte—*Os naufragos do ar*. 1 vol.
15—2.ª parte—*O abandonado*. 1 vol.
16—3.ª parte—*O segredo da ilha*. 1 vol.
- MIGUEL STROGOFF:**
- 17—1.ª parte—*O correio do Czar*. 1 vol.
18—2.ª parte—*A invasão*. 1 vol.
- O PAÍS DAS PELES:**
- 19—1.ª parte—*O eclipse de 1860*. 1 vol.
20—2.ª parte—*A ilha errante*. 1 vol.
- 21—**UMA CIDADE FLUTUANTE**, 1 vol.
- 22—**AS INDIAS NEGRAS**, 1 vol.
- HEITOR SERVADAC:**
- 23—1.ª parte—*O cataclismo cósmico*. 1 vol.
24—2.ª parte—*Os habitantes do cometa*. 1 vol.
- 25—**O DOUTOR OX**, 1 vol.
- UM HERÓI DE QUINZE ANOS:**
- 26—1.ª parte—*A viagem fatal*. 1 vol.
27—2.ª parte—*Na África*. 1 vol.
- 28—**A GALERA CHANCELLOR**, 1 vol.
- 29—**OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN**, 1 vol.
- 30—**ATRIBULAÇÕES DE UM CHINES NA CHINA**, 1 vol.
- A CASA A VAPOR:**
- 31—1.ª parte—*A chama errante*. 1 vol.
32—2.ª parte—*A ressuscitada*. 1 vol.
- A JANGADA:**
- 33—1.ª parte—*O segredo terrível*. 1 vol.
34—2.ª parte—*A justificação*. 1 vol.
- AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:**
- 35—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 1.ª vol.
36—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 2.ª vol.
37—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII*. 1.º vol.
38—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII*. 2.º vol.
39—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX*. 1.º vol.
40—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX*. 2.º vol.
- 41—**A ESCOLA DOS ROBINSONS**, 1 vol.
- 42—**O RAIOS VERDE**, 1 vol.
- KERABAN, O CABEÇUDO:**
- 43—1.ª parte—*De Constantinopla a Scutari*.
44—2.ª parte—*O regresso*. 1 vol.
- 45—**A ESTRELA DO SUL**, 1 vol.
- 46—**OS PIRATAS DO ARQUIPELAGO**, 1 vol.
- MATIAS SANDORFF:**
- 47—1.ª parte—*O pombo correio*. 1 vol.
48—2.ª parte—*Cabo Matifoux*. 1 vol.
49—3.ª parte—*O passado e o presente*. 1 vol.
- 50—**O NAUFRAGO DO «CYNTHIA»**, 1 vol.
- 51—**O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672**, 1 vol.
- 52—**ROBUR, O CONQUISTADOR**, 1 vol.
- NORTE CONTRA SUL:**
- 53—1.ª parte—*O ódio de Texar*. 1 vol.
54—2.ª parte—*Justiça*. 1 vol.
- 55—**O CAMINHO DA FRANÇA**, 1 vol.
- DOIS ANOS DE FÉRIAS:**
- 56—1.ª parte—*A escuna perdida*. 1 vol.
57—2.ª parte—*A colónia infantil*. 1 vol.
- FAMÍLIA SEM NOME:**
- 58—1.ª parte—*Os filhos do traidor*. 1 vol.
59—2.ª parte—*O padre Joan*. 1 vol.
- 60—**FORA DOS EIXOS**, 1 vol.
- CESAR CASCABEL:**
- 61—1.ª parte—*A despedida do novo continente*. 1 vol.
62—2.ª parte—*A chegada ao velho mundo*. 1 vol.
- A MULHER DO CAPITÃO BRAN-
NICAN:**
- 63—1.ª parte—*A procura dos naufragos*. 1 vol.
64—2.ª parte—*Deus dispõe*. 1 vol.
- 65—**O CASTELO DOS CARPATHOS**, 1 vol.
- 66—**EM FRENTE DA BANDEIRA**
- A ILHA DE HÉLICE:**
- 67—1.ª parte—*A cidade dos biliões*. 1 vol.
68—2.ª parte—*Distúrbios no Pacífico*. 1 vol.
- 69—**CLOVIS DARDENTOR**, 1 vol.
- A ESFINGE DOS GELOS:**
- 70—1.ª parte—*Viagens aos mares austrais*. 1 vol.
71—2.ª parte—*Lutas de marinheiro*. 1 vol.
- 72—**A CARTEIRA DO REPÓRTER**, 1 vol.
- O SOBERBO ORENOCO:**
- 73—1.ª parte—*O filho do coronel*. 1 vol.
74—2.ª parte—*O coronel de Kermor*. 1 vol.
- 75—**UM DRAMA NA LIVÓNIA**, 1 vol.
- 76—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 1.º vol.
- 77—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 2.º vol.
- 78—**A INVASÃO DO MAR**, 1 vol.
- 79—**O FAROL DO CABO DO MUNDO**, 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
& FISIOTERAPICO DO ESTORIL



Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulverisa-
ções, etc. — — — —

FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12
Telefone E 72

Conselhos uteis

Maneira de dar ao
ferro a cor azul

Pode-se dar ao
ferro polido uma
côr azul, semelhan-
te à que se obtem
depois da tempera,
empregando a se-
guinte solução:

Hipossulfito de
soda (dissolvido
num litro de agua),
140 gr. — Acetato
de chumbo (dissol-
vido num litro de
agua), 35 gr.

Misturar estas
duas soluções e
aquecer pouco a
pouco até á ebulição.

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand

S. A. R. L.

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na Imprensa da PORTUGAL-BRASIL
Rua da Alegria, 100—Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular.	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada).	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada).	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colonias	—	69\$00	136\$00
(Registada).	—	67\$50	135\$00
Brasil.	—	66\$00	132\$00
(Registada).	—	75\$00	150\$00
Outros países.	—	75\$00	150\$00
(Registada).	—	84\$00	168\$00

Administração—Rua Anchieta, 31, 1.º—Lisboa

Visado pela Comissão de Censura



Embelezam, Rejuvenescem, Eternizam a mocidade! *Estojo com 7 amostras 14\$00, pelo correio 15\$00* — Peça-os ao seu fornecedor ou directamente á Academia Scientifica de Beleza—Av. da Liberdade, 35—LISBOA.

Não sofra mais,
Senhora!



A mulher de hoje tem a obrigação de saber que já não são causa de depressão e mal-estar os incômodos proprios do seu sexo . . .

. . . . Porque deve conhecer a Cafiaspirina e saber que, sem o menor prejuizo para o seu organismo, com ela pode suprimir todas as dôres e recuperar o bem-estar.



Cafiaspirina

O PRODUTO DE CONFIANÇA

A' venda a 3.ª edição

A BATALHA SEM FIM

ROMANCE

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 volume de 308 páginas, brochado 12\$00
Encadernado 16\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido.— *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

Acaba de aparecer a 3.^a edição

PÁGINAS DE SANGUE

por SOUSA COSTA

Brandões, Marçais & C.^a

Com uma carta zincografada de JOÃO BRANDÃO

1 vol. de 266 págs. broc. 10\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos á

S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Novidade literária

JULIO DANTAS

ALTA RODA

3.^a EDIÇÃO

As ideias de Lady Bradfield — A luva — Segunda mocidade — Crianças — Suas Magestades — Velocidade — O baile da Embaixada — O direito dos filhos — As rosas de Sœur Jeanne — A boneca e os quatro maridos — Os pais dos nossos netos — O «Prelúdio» de Rachmaninoff — Sua Excelência a ministra — A campanha de alarme — Paz amarela — Diálogo radiofónico — Escola de maridos — As palmadas de Santo Onofre.

1 vol. de 260 págs., enc. 15\$00
broch 10\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80

LISBOA

Acaba de sair a 3.^a edição

DO

TOLEDO

IMPRESSÕES
E EVOCAÇÕES

por ANTERO DE FIGUEIREDO

«TOLEDO é um livro que se lê depressa e se relê de-vagar.»

AUBREY BELL.

1 vol. de 262 pag., brochado 10\$00
encadernado 14\$00



Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Grande sucesso literário

2.^a EDIÇÃO

As três mulheres de Sansão

NOVELAS

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 268 págs., brochado 10\$00
encadernado 14\$00

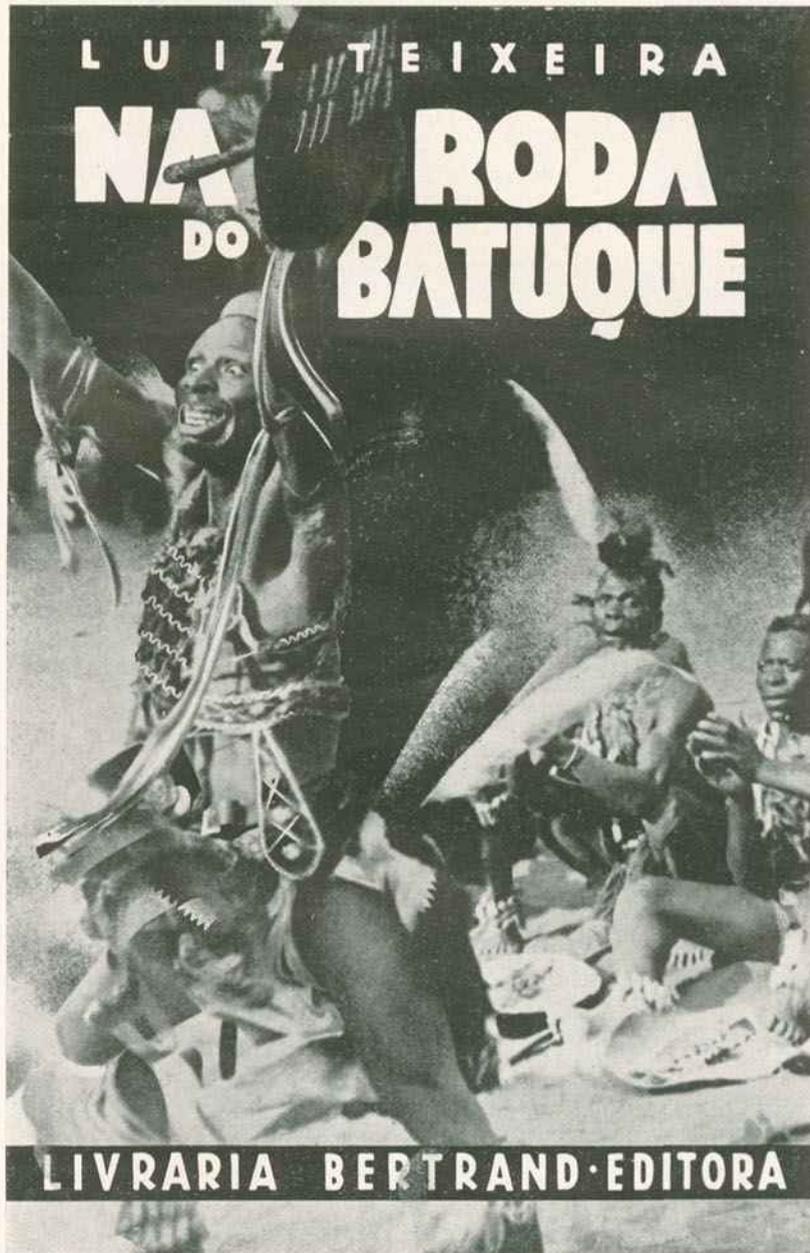
Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

UMA OBRA PRIMA DE LITERATURA COLONIAL



VINTE MIL QUILOMETROS NO CONTINENTE NEGRO

S. Tomé e Príncipe, Angola, Congo belga, Rhodesia, União Sul Africana, Moçambique

CIDADES — PAISAGENS — COSTUMES — ATRACÇÕES DESCONHECIDAS

1 vol. de 230 págs. com 18 gravuras e capa ilustrada . . . *Esc. 10\$00*

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Pedidos á LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Proteja a saúde de sua família instalando
em sua casa um

GENERAL ELECTRIC Refrigerator



*A marca GENERAL
ELECTRIC é a me-
lhor garantia de boa
qualidade d'um apa-
reilho electrico —*

Os alimentos sempre em perfeito
estado de conservação

Gelo, sorvetes, saladas de fruta, etc.

O armario frigorifico simplificado

Uma simples tomada de corrente
basta

O Refrigerator automaticamente
fará o resto

Concessionario geral para Portugal e Colonias

Sociedade Iberica de Construções Electricas, L.^{da}

Praça Luiz de Camões, 36, 2.º, Dt.º — LISBOA — Telef. 2 5347

Em exposição e venda na

Antiga casa José Alexandre — Rua Garrett, 8 a 18

O sanculotismo infiltrou-se por tal modo nos hábitos da gente de Paris que se chega a supô-lo uma característica de raça. Apenas apareça diante uma realeza, mesmo que não seja de carne e osso, logo lhe dá a veneta para arrelia-la, ou cobri-la de desdém.

Agora na falta de melhor que se oferecesse a geito, embirrou de súbito com o rei dos Vinhos, o nosso Catolicíssimo Porto.

Catolicíssimo aqui, nada tem que vêr com a religião. Toma-se no sentido etimológico, quer dizer universal, por tódo o mundo respeitado e reconhecido como infalível e supremo em beleza, perfume, sabor, generosidade, fonte de alegria. Quem sabe até se dessa condição nasceu a birra?

O prestígio vem de longe, desde os tempos imemoriais da sua origem na descoberta de algum monge inclinado a estudos alquimistas especiais, aqueles de que procede a família vasta, bem fidalga, dos licôres. Ao primeiro que abafou com aguardente o místico dulcíssimo do Douro, ninguém lhe sabe o nome.

Deve ter sido uma experiência vádua, sem qualquer pretensão a invento maravilhoso. E, pouco a pouco usada como singularidade caseira, foi subindo até ao trono em que a encontramos no século XVIII, quando começou a cintilar a corôa que neste momento deslumbra o orbe provador.

O real Porto, adorado de brancos, pretos, amarelos, bemdito por tôdas as línguas que experimentaram a volúpia inefável do seu contacto macio, ameno, insinuante, causou inveja a outros que pretenderam usar-lhe o nome, sem possuírem a virtude. E inveja foi ela que desafiou o ânimo iconoclasta, sanculotista do parisiense e o decidiu a saltar-lhe á frente em arruaça, bramindo: "Aqui não entra.."

A velha Magestade, cheia de orgulho, habituada a louvores e homenagens, encavacou. "Não passa porquê?"

Responderam as vozes roucas, plebeias, que têm lá quem valha mais.

São sempre assim as guelas vagabundas; humilham o douto, elevam o sentido.

Esperemos que o sol dê um cento de voltas em torno da bola terrestre para no fim contarmos o proveniente da obra revolucionária. Veremos o rei de novo no seu poderío indestrutível, imortal.

Ao Porto não há força humana que o derrube. O sanculotismo de Paris resultará inane desta vez, por ter pretendido atacar uma realeza inacessível, eterna, concedida pelos astros á Lusitânia. As suas

CRÓNICA DA QUINZENA

prerogativas assentam nos chistos do Douro, na inclinação das encostas, na proximidade atlântica, no tempero dos raios solares que radiam naquele pedaço do planeta um fluido especial e único.

Não basta misturar qualquer místico com aguardente para obter Porto. Essa maravilha apenas se realiza quando se reúne o sumo de uvas do Douro com aguardente fina de Portugal. Esta é a verdade certa, iniludível como a força do raio.

Falta sómente que os portugueses a saibam revelar ás gentes do universo, e por modo a façam penetrar nas consciências, através das línguas, que nunca mais se torne possível receber injúrias como a ultimamente noticiada.

E agora, todos os que fruem a ventura de conhecer o nectar, pratiquem uma libação de desagravo acompanhada desta jaculatória:

«Macio e perfumado como o contacto de uma rosa, inspirador como um sorriso de mulher, caricioso como um beijo, voluptuoso como a música, luminoso como um dia de Junho, encantador como um verso genial, bemdito Douro, eu te agradeço a delícia de te provar. Uma gôta, duas, três, na língua, e depois bôca fechada, olhos fechados, permitem-me sentir um dos fortes praseres da vida. Glória ao engenho criador do desconhecido que te inventou.»

Caiu a chuva em abundância. E as seáras que se finavam sequiosas, reanimaram e prometem fartura igual á das anteriores, o ano passado colhidas.

O vento sacudiu as fruteiras, desbastou a menos de metade o que germinara nos ramos. Ficou ainda pendente mais do que devem criar. A promessa excede em muito os desejos.

As vinhas exuberam de fecundidade. Os cachos nascidos, se chegassem a maduros, inundariam de vinho a terra em que medram.

Que vamos fazer de tanta riqueza?

Põe-se dúvida, se saberemos aproveitá-la de modo que não se desperdice pão, frutas, nem vinho, nem que em terra portuguesa fique barriga de pobre por fartar. Que todos comam e tenham alegria, e bemdigam o humus carinhoso que

tanto dá, a quem o semeia, monda e rega com suor e água das nascentes, seria o bom aneio dos nossos corações.

Ai, que não acontecerá como se pede.

O fraco entendimento dos homens não chega para descobrir a regra que a todos contente e os ajude a suportar com satisfação o encargo da vida própria e suas relações com a alheia.

Carecia-se agora de um José, como o filho de Jacob, que viesse indicar ao Faraó a maneira de utilizar a abundância, até fazer dela a alegria de todos, os que possuem e os que não possuem, em vez de a reconhecerem o desespero dos mesmos, uns porque têm e não vendem, outros porque não têm e não compram.

Lá vai reunir a grande Conferência Económica que promete trazer ao mundo a paz e bem estar há muito perdido.

Será uma nova assembleia de gagos como outras realizadas nos últimos dez anos. Porquê?

Pelo simples motivo de irem os mesmos representantes das mesmíssimas potências, reproduzir os mesmos sinais de impotência para produzir alguma coisa útil. Levam a insinceridade, a felonía, o egoísmo nacional, a ância de receber e não dar, que usaram em encontros anteriores. Onde se conclue que não sairá nenhum entendimento, nem esperança de colaboração amiga.

Os pilriteiros já conhecidos, podem produzir os pilritos costumados, e nada da coisa boa que se pretendia e da qual os povos se habituaram a descrever.

Reune-se esta, que vai colher o fruto obtido com a do desarmamento, mais com quantas ficam para trás. Consumidos dois, ou três meses em vã retórica, dir-se-á que se torna indispensável amadurecer certos pontos a que os conferentes não souberam responder. Quer dizer, resultado equivalente a uma raposa aplicada a estudantes mal preparados.

E, passado pouco, os mesmos promotores, sem temer que os tratem de charlatães, voltarão a dar a mesma prova.

Depois de tudo isto são capazes de julgar que ninguém dá pela insignificância das grandezas que dirigem o mundo.

Por mais que se vasculhe a história não se encontra época tão mal provida de inteligências aptas para conduzir a humanidade.

Que miséria de contemporaneos o Cinema e T. S. F. encontram ao seu alcance para louvar-lhes a obra.

CERRO os olhos à luz, à realidade, ao tempo. E vejo passar, na estrada de ouro da imaginação, as procissões dessa cruz escrava, manchas de ebano golpeada de rubis sangrentos. Presos à canga, amarrados, arrastando ferros, caminham. Sob o sol. Sobre a lama. Entre chicotes.

Angola foi o ventre máter que povoou o sul do Novo Mundo. Através da maior largura dum oceano, a carne do negro "bantu", foi levada para desbravar as terras fecundas das selvas americanas em que hoje se fala português e espanhol. Foi levada às regiões frias do norte desse mundo, terras inglesas, terras francesas. Foi levada para arrotar a América. Pela guerra. Pelo embuste. Pela compra.

Deante da costa européia abriam-se as extensões infinitas do oceano e do céu. Todo esse mar, só uma armada o sin-grava. Aquela que Pedro Álvares Cabral capitaneava. Todo esse céu, só um pavilhão o via. O português. No ano de 1500, Portugal brindava a civilização com a descoberta de todo um Mundo.

Era uma região fecunda e maravilhosa, povoada de gente indômita e selvagem, vivendo da caça, alheia ao trabalho da terra, fugindo para o abrigo das suas florestas exuberantes como para a protecção de muros inexpugnáveis.

Foi preciso colonizá-la. Com negros. Com angolanos.

Em 1534 D. João III inicia a colonização do Brasil. Por carta régia de 7 de janeiro de 1549 nomeia Gomes de Sousa seu primeiro governador.

Ele seguiu, nessas frotas intemeratas que atravessavam os oceanos,

onde outras velas não se erguiam. E levou consigo colonos — centenas de degredados, de judeus deportados, de criminosos homicidas, também algumas famílias donatárias. E negros, muitos negros, escravos...

Negro! Marca a rota do Atlântico! Com sangue. Com raivas. Com lágrimas.

Em 1560 já tinham falhado em revoltas, percas de vidas brancas e fazendas, todas as tentativas de compêlir o índio ao trabalho e à escravatura.

A liberdade do homem entrava nas instituições sociais do americano.

A escravidão dos prisioneiros de guerra era hábito antigo na África toda. Então guerrearam-se os negros. Então fomentaram-se guerras entre tribus rivais. Então prearam-se escravos. Então zurgem os negreiros. E depois, os corsários.

Oh! Terra americana! As entranhas de Angola só davam filhos para ti!

De 1485, data em que Diogo Cam chegou ao Zaire, a 1575, data em que Paulo Dias de Novais, conquista Luanda, vão noventa anos ocupados com a tentativa de civilisar e cristianisar o Congo, com

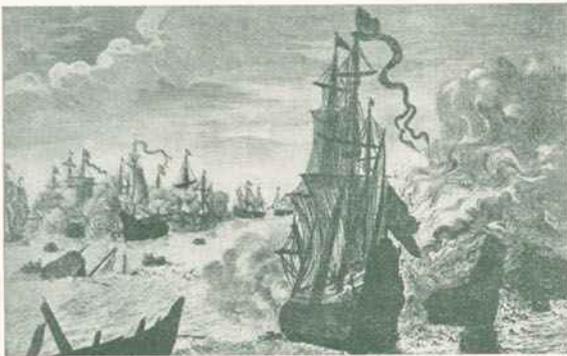
o derrubar de tódas as esperanças dessa colonização genorosa.

Angola possui nos planaltos do interior terras e climas de perfeita adaptação ao branco e à sua agricultura, com capacidade para alimentar largamente dez milhões de homens.

Mas as regiões do litoral onde a nossa ocupação primeiro se fixou, não tinham a exuberância das terras brasileiras, nem o seu cultivo dava idênticos proveitos. A Natureza e os acontecimentos coligaram-se para este resultado — Angola povoará o Brasil. — Escravos, escravos, escravos...

Logo após a conquista de Angola (1575) entrou Portugal na confederação espanhola, (1580) e além do nenhum benefício que disso tirou, adquiriu os inimigos com que esta lutava. A Holanda, a Inglaterra, a França, armam corsários que atacam nos mares as náus portuguesas, detentoras do comércio de especiarias.

E o mundo, maravilhado, compreende finalmente que manancial de riquezas



Combate naval travado entre náus portuguesas e corsários

eram essas colónias que Portugal descobria, conquistava, povoava e defendia.

A Holanda, a França, a Inglaterra, lançam-se como corvos famintos sobre os domínios ultramarinos de Portugal — corpo moribundo sugado pela Espanha nas seivas vitais duma nação, — caracter, homens, dinheiro.

O exclusivo do comércio e navegação, perdemo-lo. Das conquistas da Índia e Oceania ficaram apenas pedaços de terra, que nada mais são do que padrões atestado a passagem duma raça, a expansão dum povo que abraçou o mundo. Dum povo que succumbiu extenuado pelo demasso do esforço.

Mas Angola e o Brasil, em toda a sua extensão, colaram-se a Portugal. Os portugueses do Brasil bateram os invasores. Adquiriram nessas lutas a vitalidade que os levou à independência. E o Brasil pedira escravos, escravos, escravos. A mentalidade do tempo não era mais humana do que a de hoje. Os homens de então não eram melhores do que os de agora.

As regiões do Brasil conquistadas por franceses e holandeses, queriam escravos. As feitorias da América inglesa queriam

escravos. E toda esta gente batia Angola, ocupava os seus portos, razia-

va o seu litoral, bloqueava o comércio com os corsários. Na ansia da carne negra que trabalharia a terra americana. Carne escravizada na guerra,

comprada aos chefes negros por bugangas. Panos de cor. Guisos. Contas. E armas, armas e pólvora, para novas guerras.

Nós, portugueses, estabelecemo-nos em Angola com fins de ocupação e civilização. Os holandeses, franceses, ingleses, só queriam fortalezas no litoral para ponto de apoio às armadas, para resgate de escravos. Nada mais exigiam do gentio. Nem vassalagens, nem tributos, nem reformas de usos barbaros, nem acatamento duma administração civilisadora. Só queriam escravos, obtidos pelas guerras fraticidas, acirrando odios de tribus, fornecendo largamente armas para a matança, para a razia.

Saiam milhares de escravos cada ano. Morriam homens em triplicado. Nas guerras. Nos porões das náus. Nos ergastulos. Nas levas de desgraçados arrastando-se nos caminhos, sob a canga, ferros aos pés, entre chicotes.

Angola transfundiu o seu sangue para a América do Sul. Só depois de desbravada pelo negro ela foi o El Dorado das multidões brancas.

foi o El Dorado das multidões brancas.

Toda a gente conhece em Portugal o esforço português no mar e no Oriente. O heroísmo e o sangue que demos ao Brasil e Angola não entram nas noções vulgarizadas.

E só dèsses haverá proveito o nosso povo.

Dêles saiu um Império! Outro surgirá de Angola.

Impérios de civilização branca. Impérios de língua portuguesa.

O segundo cerco de Diu entrou na nossa História como um feito de semi-deuses. E maior do que esse, na consistência e nas conseqüências, é a resistência dos sitiados de Massangano, onde vibrou o coração de Angola. Resistência que conservou a colónia para Portugal, como um corpo moribundo vive e resiste enquanto tiver a vitalidade no coração.

Eu ainda espero ouvir citar "Massangano" como um dos mais cantilantes feitos de portugueses! Como a mais brilhante acção do passado guerreiro do Império de Angola!

O IMPÉRIO PORTUGUÊS A HISTÓRIA DE ANGOLA ESTÁ LIGADA À DO BRASIL

Os seus colonos eram simultaneamente soldados, agricultores, negreiros. Eram portugueses, brasileiros, mulatos de Angola e Brasil. Batiam-se como leões atacados nas furnas. Com sanha. Com desespero. Recuando para armar o salto. Saltando para esmagar. Conservaram a ocupação da colónia.

Os holandeses redobravam de esforços para vencerem esse punhado de homens abandonados do mundo. Bloquearam Luanda três anos, impedindo todo o comércio. Suscitaram-nos revoltas indígenas, que eles armavam e dirigiam.

Até que uma armada de 20 náus, comandada pelo almirante Houtbeen, conquista Luanda, "cabeça da conquista". Retiraram os nossos para Massangano, a poucos dias de marcha de Luanda.

E ali ficaram sete anos!

No dia 1 de dezembro de 1640 deu-se a Restauração de Portugal.

No dia 21 de junho de 1641, Portugal assinou um tratado de paz e aliança com a Holanda. No dia 24 de agosto do mesmo 1641 a Holanda conquista Luanda.

E assim vivemos, em paz na Europa e guerra no ultramar, até 6 de agosto de 1661, em que a paz se firmou completamente.

Por ela perdemos o exclusivo de comércio ultramarino, concedido também à Inglaterra e Holanda. Terminou a guerra de corso. E' livremente que Angola, vende escravos, escravos, escravos...

Sem comentários, no tempo ou no espaço a quem ou além...

Com todos os recursos de Portugal empenhados na guerra da Restauração, só do Brasil veio socorro a Massangano. O Brasil queria os escravos para si e a ocupação holandesa no litoral de Angola absorvia todo o tráfico negreiro para as suas feitorias americanas.

Em 1645 o Brasil enviou uma armada comandada por Francisco de Soto-Maior em socorro dos sitiados de Massangano.

Atravessando o sertão, furando o cerco, os soldados brasileiros levam aos portugueses o conforto moral e o auxílio em número e munições. A Massangano re-

De 1627 a 1641, atacada em todo o litoral, revolta pelo interior, a colónia de Angola não recebeu auxílio algum de Portugal ou Brasil.

colheu tódas as forças da colónia, escapando ao gentio e ao holandês. Massangano passou a ser cercada e batida com a furia dum conquistador vitorioso, golpeando a machado a derradeira porta dum castelo vencido.

Sete anos cercados! Depois de quatorze lutando sem reforços!

Sete anos sempre são longos. Mesmo entre prazeres. Mesmo na mais idílica paz. Sete anos em guerra, isolados do mundo, num pequeno forte do interior africano, são sete séculos de dor e labor!!

Por carta régia de 20 de setembro de 1647 é nomeado governador de Angola Salvador Correia de Sá e Benevides, general e cabo das frotas do Brasil, almirante do mar do Sul, alcaide-mór da cidade do Rio de Janeiro.

Chegou. Viu. Venceu.

Em poucas horas conquista Luanda. Em poucos meses expulsa os holandeses de Angola, S. Tomé e Príncipe.

E de novo os negreiros enviam escri-



Ataque de corsários, vendo-se os vencidos enforcados nas vergas das náus

vos para esse Brasil que abatia selvas e arroteava fazendas. De novo, corsários correm os mares buscando os navios carregados de ebano humano, travando nas águas essas lutas trágicas que tingiam as ondas de sangue. Penduravam-se os vencidos nas vergas das náus. E os escravos seguiam o rumo dos vencedores. Esfomeados. Sangrando. Encurralados.

Em 1654 o Brasil expulsou os holandeses. Do Brasil vêm os governadores para Angola. Toda a navegação de Angola faz-se para o Brasil. Portugal é apenas uma recordação. Um nome. Um amor. Tudo e nada. Uma Pátria!

Os heróis da guerra holandesa no Brasil vêm governar Angola. Como prêmio. Como porta aberta sobre o tesouro aureo. O escravo para tudo pagava.

Em 1658 vêm João Fernandes Vieira, herói de Pernambuco. Em 1661, André Vidal de Negreiros, do Maranhão. O negreiro pagava. O negreiro era o magnate de então. Corsários emprestavam dinheiro a reis!

1640-1661. Salvador Correia de Sá e Benevides, lançou no Rio de Janeiro um

empréstimo de 60.000 cruzados para as despesas da expedição da reconquista de Angola. O empréstimo foi coberto com entusiasmo.

Angola pagou-o. Portugal pagou à Holanda cinco milhões de cruzados de indemnização de guerra.

Angola pagou a quota parte de 300.000 cruzados.

Portugal deu dois milhões de cruzados de dote à princesa Catarina de Bragança, que casou com Carlos II de Inglaterra.

Angola pagou a quota parte de 60.000 cruzados. Etc., etc., etc.

O suor do escravo era ouro. Mas em 10 de dezembro de 1839, Sá da Bandeira aboliu a escravatura.

E Angola já não tem escravos para suar o ouro rutilante que tudo paga.

Sem outro comentário, no tempo ou no espaço, a quem ou além...

Em 1668 a Espanha reconhece a independência de Portugal. Logo no ano seguinte a metrópole reata relações com Angola enviando um governador directo, D. Francisco de Távora.

E desde então também a Espanha veio buscar escravos a Angola.

Em 1807 a corte portuguesa fugindo às invasões napoleónicas retirou-se para o Brasil. O Rio de Janeiro foi a capital do Império Português.

E quinze anos depois (1822), com um príncipe de sangue no trono, o Brasil proclama-se independente.

Angola é duplamente irmã de sangue do Brasil. Pela raça portuguesa. Pela raça "bantu". Angola é rica de desejos e possibilidades. O príncipe — pelo sangue ou pelo génio — é que habita ainda regiões ignotas.

A abolição da escravatura em terras de Portugal, arruinou Angola.

A abolição da escravatura no Brasil abalou o trono e fez a República.

O tráfico dos escravos uniu Angola e Brasil.

Depois, esqueceram-se.

Mas a grande massa de carne humana que neles vive, procria, se alimenta e se enterra, é igual em três lados do Atlântico. Na raça branca. Na raça preta.

E os meus olhos cerrados à luz, à realidade, ao tempo, evocam as procissões de escravos caminhando curvados à canga, ladeados de negreiros de chicote alçado, acurrados nos porões das náus artilhadas, com cadáveres de corsários apodrecendo nas vergas...

Escravos! Sangrando! Sangrando!

O mosteiro de Arouca e a história da Rainha Santa Mafalda

QUEM hoje visita Arouca, à qual a igreja do seu mosteiro e o corpo incorruto da Rainha Santa Mafalda dão especial e justo renome, mal suspeita, pelo desamparo evidente em que tem vivido, pelo inexpressivo atual das suas ruas turtuosas, na maioria das quais o progresso ainda não vinçou o seu cunho luminoso, a importância que usufruiu em épocas remotíssimas e durante os primeiros reinados de monarcas portugueses.

Os romanos ali tiveram uma cidade com o nome de Araducta, mais tarde destruída pelos árabes.

Só há pouco tempo a construção de algumas casas, entre elas o edifício excelente para o Tribunal e os primeiros passos dados para a criação dum museu — quebraram o marasmo em que a nobre vila, de interessantes e belas tradições, tem penado e vivido.

O mosteiro de Arouca, nos seus inícios habitado pelos beneditinos, congregação mixta de frades e freiras, foi mais tarde destinado só a freiras, por motivos explicados nas crónicas.

Anulado o casamento de D. Mafalda, filha de D. Sancho I, com Henrique I de Castela, resolve a bôa senhora, formosa e virgem, recolher-se e professar neste convento.

Ao verificar que a pobreza, obrigando as freiras a sustentar-se do fraco estipêndio do seu trabalho, é motivo justificativo de certa imoralidade, D. Mafalda faz passar o convento à severa ordem de Cister e procura, mais pela persuasão, pelo exemplo duma vida sem mácula, do que por medidas violentas, conduzir as transviadas ao caminho réto da virtude.

Enriquecido o mosteiro com opulentas doações reais, donativos de fidalgos e efi-

caz administração de justiça da Rainha — fiel às regras sólidas de moral e economia — tudo entra em bôa e próspera ordem.

Sessenta anos viveu a Santa Senhora dentro dos muros do seu convento praticando o bem, socorrendo os pobrezinhos, encontrando no seu coração de eleita, bálsamo para tôdas as chagas, refrigério para tôdas as dores.

Havendo fóros difíceis de cobrar em Rio Tinto, D. Mafalda num dos seus gestos habituais de bondade excelsa, resolve ir pessoalmente recebê-los, em vez de recorrer às legais cominações coercitivas.

A sua alma é grande e generosa, mas o corpo miúdo está fragilizado pela idade avançadíssima e não resiste à bemfazeja missão. Morre em Rio Tinto. Logo o povo desta povoação, alvoroçado se prepara para guardar em seu poder o cadáver da Rainha e construir-lhe suntuoso mausoléu.

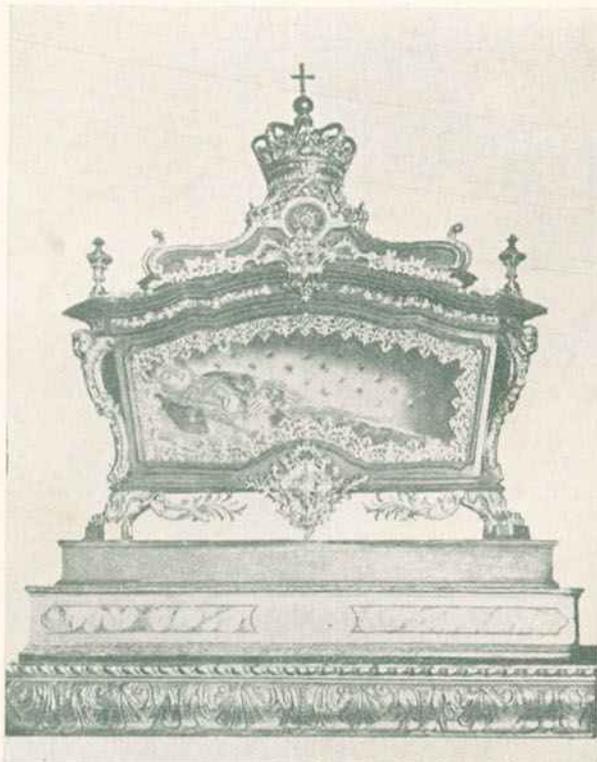
Colocado o corpo na mulinha que para lá o conduzira, tentam obrigá-la a dirigir-se à igreja. Mas a mulinha, sem que ninguém pudesse opôr-se à sua firme resolução, retoma o caminho de Arouca, ciosa do tesouro que leva consigo. O povo estupefacto e reverente vai seguindo o corpo da Santa. Em tôdas as povoações atravessadas o cortejo engrossa, formando-se a pouco e pouco enorme multidão. E onde a mulinha para, acodem solícitos dezenas de braços a colocar o caixão em ponto visível, para ser piedosamente venerado. Após rápido descanso, a mulinha curva-se para de novo receber o seu fardo precioso e reata a viagem. Ao chegar a Arouca, entra na igreja do mosteiro e junto do altar de S. Pedro dobra as patas dianteiras, ajoelha e cai morta.

Recolhido com grata e comovida devoção o corpo da Rainha que não acusa o mais ligeiro sinal de decomposição, resolvem as freiras, aplaudidas e louvadas pelo povo, sepultá-la nesse altar. É aí, em soberbo túmulo de ébano, prata e cobre doirado, que se vê o corpo intacto da Rainha Santa Mafalda.

Os pontos onde a mulinha parou e o caixão da Rainha Santa descansou, estão marcados, segundo afirma a crónica, talvez lendária, pelos diferentes moimentos que ainda existem no trajecto.

Por detrás do côro de baixo, da igreja, está sepultada outra freira canonisada — Santa Espinela.

Um incêndio, no século XVI, danifica um tanto o convento. E outro, em fevereiro de 1725 devora-o, poupando ape-



Túmulo em ébano e prata da Rainha Santa Mafalda

nas a igreja e um lanço novo do dormitório abobadado.

Foi reedificado, a seguir, sem requintes arquitecturais, com a largueza do edifício anterior, mas com certas vantagens de unidade e regularidade nas linhas gerais.

O côro da igreja é duma beleza e magnificência notáveis e dividido em dois pavimentos.

Ao morrer a última freira professa, o governo de então, desrespeitando a vontade expressa da Rainha Santa, que legára ao seu mosteiro querido muitas preciosidades, com a expressa condição de não saírem dêle, mandou para Aveiro muitos e ricos objectos. Opôz-se Arouca à completa espoliação, guardando algum mobiliário, paramentos suntuosos e relíquias com que vai agora criar o seu museu.

O abandono a que o mosteiro foi votado durante largos anos, a sua adopção, em retalhos, a vários fins, alguns pouco consentâneos com a sua alta dignidade, arruinaram-no. Cuida-se no presente em remediar o mal e pensa-se em adaptar o edifício definitivamente ao que a razão e o respeito indicam: museu, alargamento do hospital, um asilo de velhinhos e velhinhas.

O claustro e o jardim carecem muitos cuidados, para reerguê-los à altura merecida.

Digna de visita a capela da Misericórdia que possui valiosos azulejos.

Numa casa da praça Brandão de Vasconcelos, antigo solar fidalgo, existia há anos e, crível é que exista ainda, uma lápide com esta inscrição enigmática, oferecida à decifração erudita dos arqueólogos:

1639 — ÊLE O SABE
ELA O SENTE.

Emília de Sousa Costa



O grande órgão do convento de Arouca

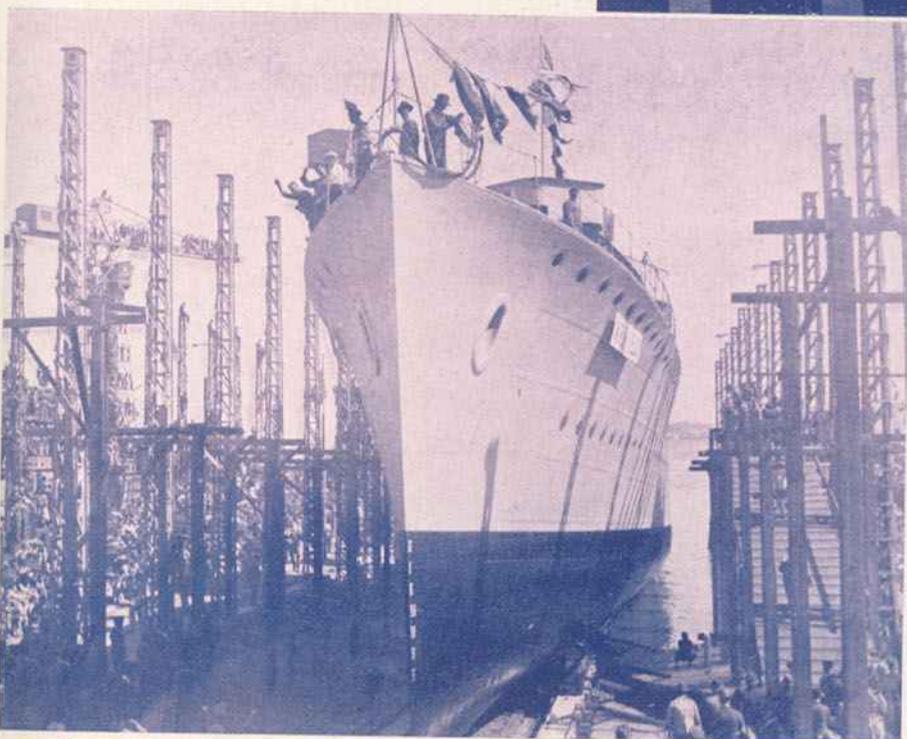
A cerimónia do lançamento à água do contra-torpedeiro "Tejo"



EM CIMA — O presidente do governo, sr. dr. Oliveira Salazar, dando o impulso ao novo contra-torpedeiro «Tejo»

A DIREITA — A tribuna onde se encontravam os membros do governo e as entidades oficiais, quando do lançamento

EM BAIXO — O contra-torpedeiro «Tejo» no momento solene de entrar na água e saudado por 20 mil pessoas



Na passada quarta-feira, foi lançado a água o contra-torpedeiro «Tejo» — novo barco da nossa marinha de guerra. É idêntico aos melhores utilizados actualmente na marinha de guerra inglesa. Mede cerca de cem metros de comprimento e desloca 1.620 toneladas.

A cerimónia do lançamento levou ao cais de Santos mais de vinte mil pessoas. O aspecto era imponente. No recinto reservado, para o qual haviam sido distribuídos cinco mil convites, apinhavam-se cerca de duas mil pessoas. Os guindastes pareciam cachos humanos e o contra-torpedeiro «Douro» — em construção ao lado do «Tejo» — estava cheio, por completo, de gente. A multidão invadiu os logares altos da cidade. Pelos telhados havia centenas de pessoas. Foi o caso do dia. Os convidados oficiais foram recebidos pelos engenheiros srs. Maurice Tabar e Harold Yarrow, este último chegado há dias de Londres, propositadamente para assistir ao acto.

As entidades oficiais ocupavam três tribunas no extremo dum dos molhes: na do centro, ficaram os generais e almirantes, na da esquerda, comandantes de unidades navais e militares e na da direita, senhoras. Havia também uma tribuna especial para os representantes dos jornais, que estava coalhada de trabalhadores de imprensa. Procedeu-se, cerca das quinze horas, aos preparativos do lançamento.



Subiu para o convez do «Tejo», o comandante do navio-escola «Sagres» sr. capitão de fragata Cisneiros de Faria, a fim de seguir a bordo.

Às 15 horas, chegam os ministros da guerra, interior e comércio. Minutos depois entra na tribuna o chefe do governo, sr. dr. Oliveira Salazar.

Tudo se prepara. Sobre o local voam doze aviões. O presidente do ministério, ouve alguns esclarecimentos sobre a construção do barco. Entretanto, chegam á tribuna, os restantes ministros: das colónias, da marinha e das obras públicas.

Às 15 e um quarto, o engenheiro Tabar anuncia que chegou o momento. O «Tejo», fica desamparado. Retira-se a última escora. Começam a funcionar as bombas hidráulicas. O sr. dr. Oliveira Salazar, colocando a mão direita na prôa do «Tejo», e simulando empurrá-la, diz:

— Vai, em nome da Nação.

O novo barco de guerra entrou serenamente no rio. Imediatamente é levado para o largo por dois rebocadores. A manifestação é enorme. Lenços que acenam, vivas rebentam de todos os lados. O entusiasmo é indiscriminado. O «Tejo», depois de uma larga volta no rio, passando em frente do Terreiro do Paço, onde foi saudado pela multidão que ali se encontrava, voltou a ser encostado a um dos molhes de Santos, para efeitos de acabamento. Só no fim do corrente ano, será entregue ao ministério da marinha.



Os srs. ministro da marinha, arcebispo de Milene e governador civil e militar de Santarem na Camara Municipal daquela cidade

A romagem ao túmulo do grande navegador Pedro Álvares Cabral foi bem significativa. Consagrou acima de tudo o espírito duma Raça, em dois povos que se amam: Portugal e Brasil. Foi mais um laço dado na confraternização luso-brasileira.

A igreja da Graça de Santarem, encheu-se por completo. Uma enorme multidão foi ali prestar homenagem à memória do grande navegador português. A cerimônia foi presidida pelo arcebispo de Milene. À sua direita, estavam os srs. ministro da marinha, representantes dos srs. embaixador e conselheiro do Brasil, governadores civil e militar, comandante de cavalaria, oficiais, membros da colônia brasileira, etc.

O túmulo de Pedro Álvares Cabral estava repleto de flores e de corações.

Depois do Orfeão Escalabiano ter cantado a peça «Santa Cruz», escrita pelo maestro sr. Luiz

Silveira, o sr. dr. Martins Pontes, proferiu uma brilhante oração, que iniciou com as seguintes palavras da Sagrada Escritura: «Honra teu pai e tua mãe para teres uma vida longa na terra que Deus te deu». Assim — disse — há lugares predestinados na Terra e momentos que valem quasi uma eternidade na História.

Referiu-se depois o sr. conego Pontes ao significado da homenagem que Santarem quis prestar a um dos portugueses mais ilustres, traduzindo eloquentemente esta festa a significação de que dentro das muralhas medievais da cidade se encontrava em espirito Portugal inteiro e esse formidável País que é iluminado simultaneamente pelo Cruzeiro do Sul e pela Estrela Polar. Invocou e exaltou a figura gigantesca do Alvares Cabral.

Depois disse: — Além, daquela campã, vêm frêmitos de immortalidade, um como rumor heroico.

PORTUGAL E BRASIL

A romagem a Santarem ao túmulo de Alvares Cabral

Referiu-se, depois, ao significado da realização da primeira missa no Brasil, á sombra duma cruz feita com madeira da terra descoberta, e, a proposito, o orador disse que os portugueses quando se lançaram ousada e cientificamente na descoberta de algum novo continente, tinham sempre como objectivo dilatar a fé cristã, levar a nova civilização aos povos indigenas e nunca conquistar e subjugar gentes pela força das armas.

Terminou dizendo:

— Este dia ficará marcado e ficará glorioso nos fastos das nossas duas Patrias, e ele será cantado até ás florestas de terras de Santa Cruz.

Na Camara Municipal de Santarem houve uma sessão solene de boas vindas ao sr. ministro da marinha e aos ilustres brasileiros que tinham ido àquella cidade. Presidia o sr. ministro da marinha, que tinha á sua direita os srs. governador civil de Santarem, dr. Leitão da Cunha, representante do sr. embaixador do Brasil, juiz da comarca, D. Alberto Bramão e dr. Antonio José Pereira; á esquerda, os srs. arcebispo de Milene, comandante militar interino, tenente-coronel Moreira Sales, coronel Cardoso dos Santos, o pre-

sidente da Comissão de Turismo, major Egídio de Sousa, e dr. Altino Arantes, antigo presidente do Estado de S. Paulo.

Entre a numerosa assistência viam-se todas as autoridades civis e militares de Santarem, os membros da Junta Geral do Distrito, srs. drs. Manuel António Branco, Luis Vaz de Sousa e Carlos Azevedo Mendes e Guilherme Guerra, etc. Ocupavam lugares especiais, os srs. dr. Altino Arantes, Fernando Prestes, representando seu pai, o antigo presidente eleito, sr. dr. Julio Prestes; dr. Percival de Oliveira, representando o antigo presidente Artur Bernardes; a pintora D. Guilomar Fagundes e os srs. generais Izidoro Dias Lopes e Pantaleão Teles, coronéis Horta Barbosa e Jaguariti e major Antonio Pitocheo, etc.

Falou em primeiro lugar o sr. capitão Lino Valente, presidente do Municipio que fez um discurso de saudação. A seguir o sr. Altino Arantes, em nome dos emigrados politicos brasileiros, pronunciou uma notável oração.

Deu, transcrevemos dois períodos: «O Brasil que reflete e que sabe; o Brasil que preza as suas tradições e venera os seus ascendentes; o Brasil que enxerga nos lances do seu passado, a vitalidade progressiva do seu presente e a parábola resplandecente do seu futuro; o Brasil que estremece por sua terra e por sua gente; o Brasil que é sensato e é patriota; esse



Os estudantes do liceu de Santarem, acompanhados de alguns professores, depositando flores no túmulo do grande navegador português

Brasil pelo qual não têm autoridade nem mandato para falar os zollos malélicos e os Aretinos escandalosos; esse Brasil, que só ele é o novo Brasil, foi, é, e será sempre filho e amigo de Portugal».

«Alma heroica de Cabral! Escuta a voz longínqua, atende à súplica angustiada da tua criatura dilecta. Aplaca-lhe depressa essa grande sede de ideal, que a atormenta e zniquila. E inspira aos homens que, neste mesmo instante, lá estão recebendo a nobre investidura de mandatários da Nação, para a prometida obra da sua reconstrução institucional, a clara e elevada compreensão dos seus deveres e das suas responsabilidades, dos direitos e das aspirações do povo, dos seus prementes reclamos e das suas revivescentes esperanças...»

«Porque só assim poderá o Brasil do teu sonho e do teu feito prosseguir, impávido e feliz,

na marcha ascensional do seu progresso e do seu destino — unificado e fortalecido na concórdia e na solidariedade dos seus cidadãos, dignificado e engrandecido na sua Constituição, na sua Justiça, na sua Liberdade.»

Falaram a seguir os srs. Gomes dos Santos, em nome dos «Novos de Portugal», D. Alberto Bramão, em nome da Propaganda de Portugal, dr. Antonio José Pereira, em nome do Club Brasileiro, coronel Cardoso dos Santos que leu versos, dr. Vasco Leitão da Cunha em nome do sr. embaixador do Brasil, e por fim o sr. ministro da marinha, que terminou o seu discurso dizendo:

— Não vim associar-me, apenas, á homenagem a Pedro Alvares Cabral. Vim tomar parte numa homenagem á Raça que levou o seu nome a todo o mundo. Isto não deve servir-nos para uma gloria estática, mas como um estímulo para o futuro.



As entidades oficiais e representantes da Embaixada do Brasil, junto do túmulo de Pedro Alvares Cabral

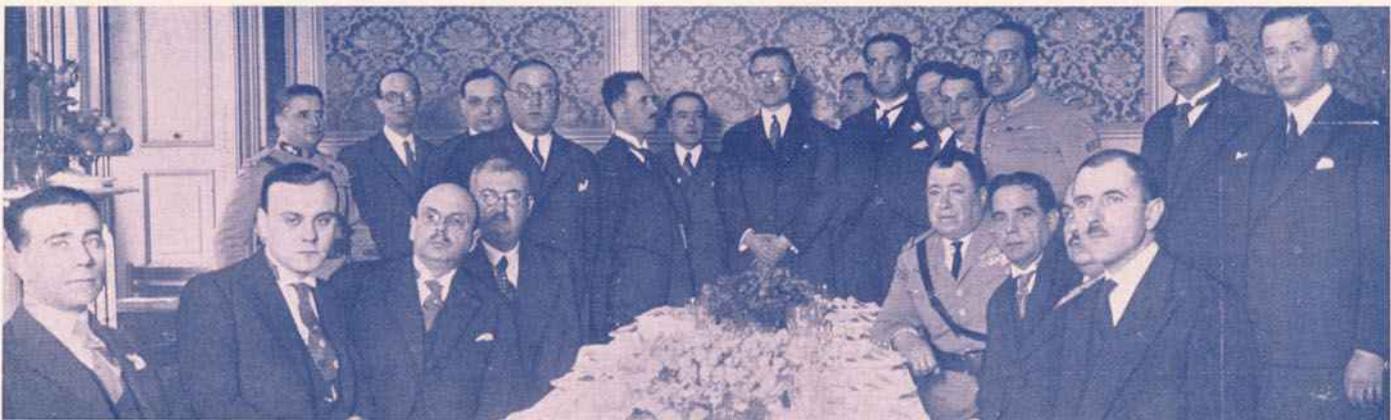


A deposição das corôas oferecidas pela Sociedade de Propaganda de Portugal e por um grupo de brasileiros

OS BANQUETES DA QUINZENA



AO SR. DR. BARBOSA DE MAGALHÃES. — Por ter sido nomeado presidente do Conselho Geral da Ordem dos Advogados foi oferecido um banquete de homenagem ao sr. dr. Barbosa de Magalhães, ilustre professor e antigo ministro da República. Nas cinco mesas sentaram-se cerca de 200 convivas, na sua grande maioria, magistrados, advogados e alunos da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. Coube a presidência ao ministro da justiça, sr. dr. Manuel Rodrigues tendo à direita, o homenageado, e os srs. drs. Henrique Gois, Arnaldo Monteiro, Germano Martins, Helder de Sousa, presidente da Relação; professores Rocha Saraya e Fernando Emídio da Silva, Santos Lourenço e Cunha Gonçalves e à esquerda os srs. drs. Abel de Andrade, Silva Monteiro, Waldemar Ferreira, da Universidade de S. Paulo (Brasil); Mario Miranda Monteiro, Albino Vieira da Rocha, Jaime Gouveia e Azevedo Neves. Falou em primeiro lugar o sr. ministro da justiça. Depois usaram da palavra, os srs. drs. Acácio Gouveia, em nome da comissão organizadora da homenagem, Abel de Andrade, em nome do reitor da Universidade de Lisboa, Arnaldo Monteiro, Henrique Gois, Vasco Borges, em nome da magistratura, Alexandre de Albuquerque, Santos Lourenço, Azevedo Perdigão, em nome dos antigos alunos e Armando Batista Carvalho, pela Câmara dos Solicitadores. Por fim, o sr. dr. Barbosa de Magalhães, agradeceu a homenagem de que tinha sido alvo, sendo muito ovacionado.



AOS GOVERNADORES CIVIS. — O ministro do interior, sr. dr. Albino Reis, reuniu em Lisboa os governadores civis do continente, a fim de os apresentar aos srs. presidente da República e chefe do governo. Estiveram em Cascais e na residência do sr. dr. Oliveira Salazar. Dirigiram-se depois para o «Avenida Palace» onde lhe ofereceram um almoço, antes do qual se realizou uma reunião de carácter reservado. Na mesa da presidência o sr. ministro do interior dava a direita ao governador civil de Lisboa, e à esquerda ao do Porto.



A D. BERNARDO DA COSTA (MESQUITELA). — Ao apreciado crítico tauromáquico — que há anos anda pugnando pela realização dos touros de morte em Portugal — e brilhante escritor sr. D. Bernardo da Costa (Mesquitela) foi oferecido um banquete de homenagem, a que assistiram mais de oitenta convivas. Usaram da palavra, enaltecendo as qualidades do homenageado, os srs. dr. Castro Fernandes, dr. Bossa da Veiga, dr. Emilio Infante da Câmara, dr. Moita Cabral, dr. Salazar Carreira, Jaime Torres e D. Bernardo da Costa (Mesquitela) pai do festejado, e por último o sr. D. Bernardo da Costa (Mesquitela) que agradeceu as referências que lhe tinham sido feitas.



«El paseo» na segunda corrida

Touros de morte no Campo Pequeno

mos, como Magritas, Rafaelillo, Armillita I, Cadenas, Boni, Morato, com o português Procópio, e tão seguros picadores como os irmãos Atienza, Farnesio, Parrita, etc.

Para serem mortos, foram comprados touros de casta espanhola aos

AUTORISADAS por decreto, realizaram-se no Campo Pequeno, nos dias 30 de abril e 7 de maio, duas

corridas de touros de morte, as primeiras que em Portugal se fizeram, tal como em Espanha, — pois as de 1927 foram incompletas e com touros embolados durante as varas e desbolados depois por um sistema de cordel, que os escangalhava para o resto

da lide. Nunca em Portugal se viu no "paseo" das "cuadrilhas" desfilar matadores da categoria actual de Marcial Lalanda e Villalta, na primeira, com o nosso João Núncio à frente e, na segunda, três figuras de tanta cotação como a que na "bolsa do momento" têm: Lalanda, Armillita e Ortega, com o jovem D. António de Mascarenhas para pedir a chave.

Nunca se juntaram na nossa praça tantos bandarilheiros fa-



Os 3 espadas da segunda corrida

srs. Emilio e José Infante da Camara e José Pinto Barreiros, saindo os primeiros bastante gordos e nobres, ainda que brandos, e os segundos com



Um grande «par» de Armillita

menos tipo e com dificuldades para a lide, como se verificou.

Por tudo isto, e por muitas coisas mais,

não foram brilhantes as corridas que para melhor êxito estavam destinadas. Mas o brilho que as corridas não puderam ter, foi-lhes dado pelo entusiasmo do público que obrigaram a reduzida lotação e o pesado encargo do cartaz e das percentagens à empresa

arrendatária. Morreu um único cavalo, na segunda tarde, apesar de tudo estar preparado para sua defesa; mas o espectáculo desagradável deste cavalo foi bem compensado com o gesto humanitário de distribuir pelos pobres de Lisboa a carne dos touros mortos nestas duas corridas de 30 de abril e 7 de maio, as primeiras de "verdade", que se deram em Portugal.

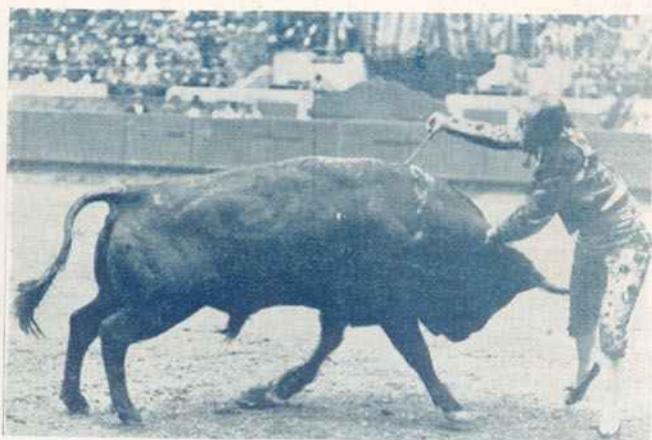


Villalta lanceando de capa

Rogério Perez.



Uma vara na segunda corrida



O espada Villalta matando bem



As mais pequenas «girls» da «Baillade dos Squireurs»

A noite de 9 do corrente, em São Carlos onde se realizou a recita de caridade, por distintos amadores, levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, fez recordar uma noite de outrora, em que nesse teatro se reunia a corte, tão belo era o aspecto da vasta e lindíssima sala de espectáculos, vendo-se todos os camarotes e a platéa, ocupados por tudo o que de melhor conta a nossa velha aristocracia.

Iniciou o espectáculo, a representação, pela brilhante companhia Ilda Sticchini, do 2º acto da peça «Madrugada» do poeta Fernando Caldeira.

Depois de um curto intervalo deu-se começo à segunda parte do programa, que abriu por um prólogo, dito com muito espirito e num grande «à vontade», pela sr.ª D. Maria Leonor Santa Rita Gomes Neto, para a apresentação da «companhia» de variedades.

Seguiu-se o «Baillado dos Squireurs» por um gracioso grupo composto pelas seguintes meninas:

Maria Tereza Burnay Belo, Maria Luiza Sabrosa de Melo e Castro, Maria Cristina Moraes de los Rios Froes, Maria Tereza Moraes de los Rios Froes, Maria José de Melo e Castro da Costa Barros (Avelos), Maria Eugenia de Melo e Castro da Costa Barros (Avelos), Anne Thereze Dargent Caldas, Maria Isabel Correia Leite Tavares de Carvalho, Maria do Carmo Moraes de los Rios de Castro, Maria do Rosário



Uma das attitudes do «Baillado dos Squireurs»

Bustorff Silva, Marisol Jorge de Seabra, Filomena Moraes de los Rios Leitão, Maria do Rosário Vilardebó e pelo menino António José Vilardebó.

Figuravam como primeiras bailarinas as meninas Maria Cristina e Maria Tereza Moraes de los Rios Froes, que marcaram com arte os vários passes d'esse interessante baillado, em que se distinguiram as duas mais pequenas «girls» da «companhia»: Maria do Rosário Bustorff Silva e Filomena Moraes de los Rios Leitão, um mimo de graça, que despertaram na assistência pela forma como marcavam os vários andamentos da dança, franca hilaridade.

Dançou depois com arte e elegancia, uma valsa de Chopin a menina Josefina Dargent Pereira Caldas. Ainda nesta parte do programa se exhibiram: a menina Maria Amélia Moraes de los Rios Froes na dança «Mort d'Asc» de Grieg, que numa interpretação felicissima teve soberbas attitudes e o menino Tomás Plácido de Melo Breyner que executou no piano, uma «valsa» e um «fox» da sua autoria, dançado pela menina Maria Tereza Moraes de los Rios Froes, com muita intuição. Tomás Plácido de Melo Breyner nestas suas duas composições evidenciou a sua grande inspiração, tendo sido ovacionado, du-

UMA FESTA de caridade no Teatro

rante alguns minutos pela assistência. Antes do intervalo houve ainda um formosissimo baillado: a «Dança de Waldteufel» pelas seguintes meninas:

Ester Buzzaglo, Josefina Ricciardi, Josefina Dar-



As meninas Maria Tereza Ramos Jorge e Josefina Dargent Pereira Caldas no «Baillado Escocês»

gent Caldas, Maria Adelaide Fernandes Costa, Maria Adelaide Barbosa Guimarães Serodio (Sabrosa), Maria Amélia Moraes de los Rios Froes, Maria Antónia Plácido de Melo Breyner, Maria Carlota Emauz Leite Ribeiro, Maria Cecília Castro Pereira de Arriaga e Cunha (Carnide), Maria da Conceição Plácido de Melo Breyner, Maria Eugenia Valente Teles da Silva, Maria Helena Burnay Belo, Maria Isabel Arriaga e

MUNDANA

de caridade São Carlos

Cunha (Carnide), Maria José Berlein Castelo Branco, Maria José Moraes de los Rios Froes, Maria José de Melo Breyner Pinto da Cunha, Maria de Lourdes Belmarço, Maria Santos Roque de Pinho (Alto Mearin), Maria Luiza Penalba Mas-



A menina Maria Amélia Moraes de los Rios Froes que imitou a «tonadillera» Raquel Meller

carenhas (Torre), Maria da Luz Vilardebó Chaves, Maria Tereza Castro Pereira Guimarães, Maria Tereza Ramos Jorge, Matilde Roque de Pinho (Alto Mearin) e Rita Moraes de los Rios Froes.

As bailarinas apresentaram-se elegantemente vestidas de branco. As partes principais deste baillado, estavam a cargo das meninas Maria Helena Burnay de Almeida Belo e Maria Amélia Moraes de los Rios Froes, que com muita profi-



Um grupo de meninas que dançava o «Baillado Peru»

ciência, marcaram as várias fases dessa linda página musical. Todos os números foram muito aplaudidos pela assistência, sendo bisados.

Abriu a terceira parte do programa a «Dança Escocesa» pelas meninas Josefina Dargent Pereira Caldas e Maria Tereza Ortigão Ramos Jorge, dois elementos de destaque do corpo de baile da improvisada «companhia» de variedades, que interpretaram esse movimentado baillado, com arte, pondo assim em evidencia os méritos de «consagradas» bailarinas.

Seguiu-se um «Fox» cantado pela sr.ª D. Joan Sellers e pelo sr. William Boty, e dançado por oito pares.

Foi um número de grande efeito e que alcançou calorosos aplausos.

Depois a sr.ª D. Maria do Carmo Burnay de Almeida Belo, e o sr. William Boty, cantaram, um «fox» com acompanhamento de piano, feito pelo sr. Afonso Correia Leite.

A seguir a sr.ª D. Maria José Ortigão Ramos de Castelo Branco, D. Joan Sellers e o sr. William Boty, exhibiram-se num «Fox» marcado com arte e distincção.

Dançou-se depois a «Valsa de L'Auberge du Cheval Blanc». Nove pares, compostos por Maria

do Carmo Burnay Belo, Maria José Ramos Castelo Branco, Joan Sellers, Mary Clark, Maria Luiza Melo e Castro Trígoso, Maria Izabel Vilardebó Chaves, Maria Leonor Santa Rita Gomes Neto, Maria José Berlein Castelo Branco, Maria Adelaide Barbosa Guimarães Serodio (Sabrosa), William Boty, Francisco Alto Mearin, Jorge Alto Mearin, António Salgado, António Moraes de los Rios Leitão, Francisco d'Avillez, Diogo Salcma, José Duarte Ramos Jorge e António Burnay Belo, marcaram, com grande brilho, todos os passes.

O «clou» da noite foi, sem dúvida, os números de canto executados pela menina Maria Amélia Moraes de los Rios Froes, que, numa imitação felicissima da «tonadillera» Raquel Meller, se fez ouvir na «Flôr de Té» e no «Relicario», com indumentária a caracter.

A sala em péso, aplaudiu a graciosa «artista» que imprimiu aos conhecidos números todo o sentimento requerido.

Fechou o programa um baillado clássico, dançado por Maria Augusta Leça da Veiga Cardoso, Maria da Conceição Leça da Veiga Cardoso, Maria da Graça Saldanha de Carvalho, Maria Madalena Saldanha de Carvalho, Ester



Algumas das intérpretes da «Dança de Waldteufel»

riaga e Cunha (Carnide), Maria da Conceição Plácido de Melo Breyner, Maria Eugénia Valente Teles da Silva, Maria Isabel Castro Pereira Arriaga e Cunha, Maria José Bertein Castel Branco, Maria José Morales de los Rios Froes, Maria de Lourdes Belmarço, Maria Luisa Penalva Mascarenhas (Torre), Maria da Luz Vilardebó Chaves, Maria Tereza Castro Pereira Guimarães e Maria Tereza Ramos Jorge e Rita de los Rios Froes.

Salientaram-se neste formosíssimo bailado as meninas Josefina Dargent Pereira Caldas e Maria Tereza Ortigão Ramos Jorge, especialmente esta última.

Houve ainda vários números de música por um «jazz» de amadores, que também fizeram os acompanhamentos de alguns números, tendo deixado na assistência, pela forma como se apresentaram, uma bela impressão.

Entre a apresentação dos números da terceira parte, foram leiloadas duas rosas, com inspiradas quadras da ilustre poetisa Virgínia Vitorino, sendo pregoeiro a sr.^a D. Maria Leonor Santa Rita Gomes Neto, que mais uma vez teve espírito, prendendo a atenção da assistência; obtendo essas flores alto preço, e sendo adjudicadas aos srs. Ricardo Espírito Santo Silva e dr. Júlio César Cau da Costa.

Festas, como a do dia 9 em S. Carlos, honram sobre maneira quem as leva a efeito, não só pelo cunho de arte que se lhes imprime, como por nos revelar qualidades artísticas em crianças que deixam prever deante de si risonhas promessas, como sejam o menino Tomaz Plácido de Melo Breyner, que se nos mostra ser um compositor cheio de inspiração, e um pianista distinto, Maria Amelia Morales de los Rios Froes, Josefina Dargent Pereira Caldas e Maria Tereza Ortigão Ramos Jorge, a primeira como actriz e bailarina e as duas últimas como bailarinas.

Também não podemos esquecer as pessoas que foram a grande alma dessa noite de encanto e arte, não só pelo trabalho de organização do belo programa, que tiveram, mas sobretudo pela sua direção.

Referimo-nos ás sr.^{as} viscondessa de Coruche, D. Josefina Morales de los Rios Froes, e D. Tereza de Melo Breyner Pinto da Cunha, que muito concorreram para o seu exito grandioso.

São Carlos, viveu nessa noite, que decerto ficará memorável, momentos de um grande prazer espiritual e fez recordar um espectáculo de outr'ora, quando se reunia toda a velha aristocracia portuguesa.

E' pena que estas festas, se não possam repetir, como seria o voto de todos aqueles que a ela

assistiram, pois a sua organização demanda inumeros esforços e canceiras, que esgotariam quem a elas se abalançasse. A ilustre comissão, accedendo aos inumeros pedidos que lhe foram diri-

gidos, não só por pessoas que presencaram esse espectáculo de arte e elegancia, como de outras que não obtiveram logar, visto se ter esgotado completamente a lotação de São Carlos, resolveu repetir esse mesmo programa, na tarde de quinta-feira, 18, no mesmo teatro, estando os bilhetes á venda no camaroteiro de São Carlos.

Na noite da primeira recita, a comissão e os interpretes reuniram-se numa festa intima, que se realisou no salão da terceira ordem, onde se encontra instalado o Centro de Esgrima do Exército, que decorreu no meio da maior animação e alegria, dançando-se ao som duma eximia orquestra «Jazz-band» até perto das sete horas da manhã.

Fazer o bem, angariando donativos para os pobres, como fizeram as ilustres senhoras componentes da comissão, que levou a efeito esta recita, merecem os maiores elogios. Oxalá todos os anos nos dêem momentos, como esses, que nos deram na noite 9 de Maio e decerto se repetirão na tarde de 18. Bem hajam.

D. Nuno.

(Fotos Salgado e Vaissier)



As meninas Maria Helena Burnoy de Almeida Belo e Maria Amélia Morales de los Rios Froes, na «Dança de Waldteufel»



Dois pares de namorados: um alegre e outro triste...

Dos aplausos, com que foram vitoriados os improvisados artistas, compartilhou também o bailarino Rebelo de Almeida, que ensaiou os bailados.

Na assistência via-se tudo o que de mais distinto conta a nossa primeira sociedade.

Compunha a comissão organizadora desta linda festa, que foi sem duvida alguma, o maior acontecimento mundano e artistico desta temporada, as sr.^{as} condessa de Carnide, condessa de Mafra, condessa de Taboeira, D. Fernanda Bettecourt Moreira de Carvalho, D. Izabel Burnoy de Almeida Belo, D. Izabel Ortigão Ramos Jorge, D. Josefina Morales de los Rios Froes, D. Maria Eugenia Barbosa de Guimarães Serodio, D. Maria Izabel de Castro Pereira de Arriga e Cunha, D. Maria Santos Roque de Pinho e D. Tereza de Melo Breyner Pinto da Cunha.



Como as improvisadas «bailarinas» viram o espectáculo e esperavam a sua vez de entrar em cena...

NO BRASIL

O DESASTRE DE PETROPOLIS



Os peritos da policia, examinando a pedra que caiu sobre o automóvel, onde seguia o presidente Getúlio Vargas



O presidente Getúlio Vargas e sua esposa, dias antes do desastre. A direita, vê-se o ministro do exterior, sr. dr. Melo Franco

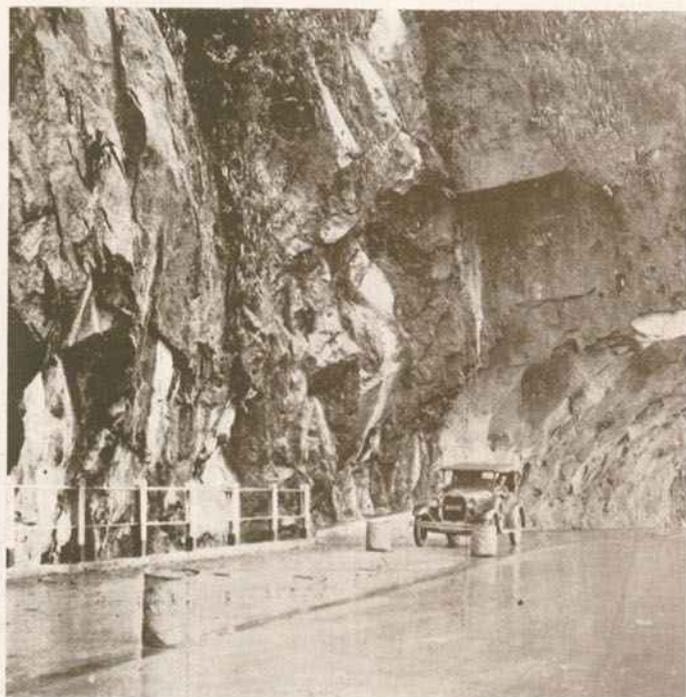
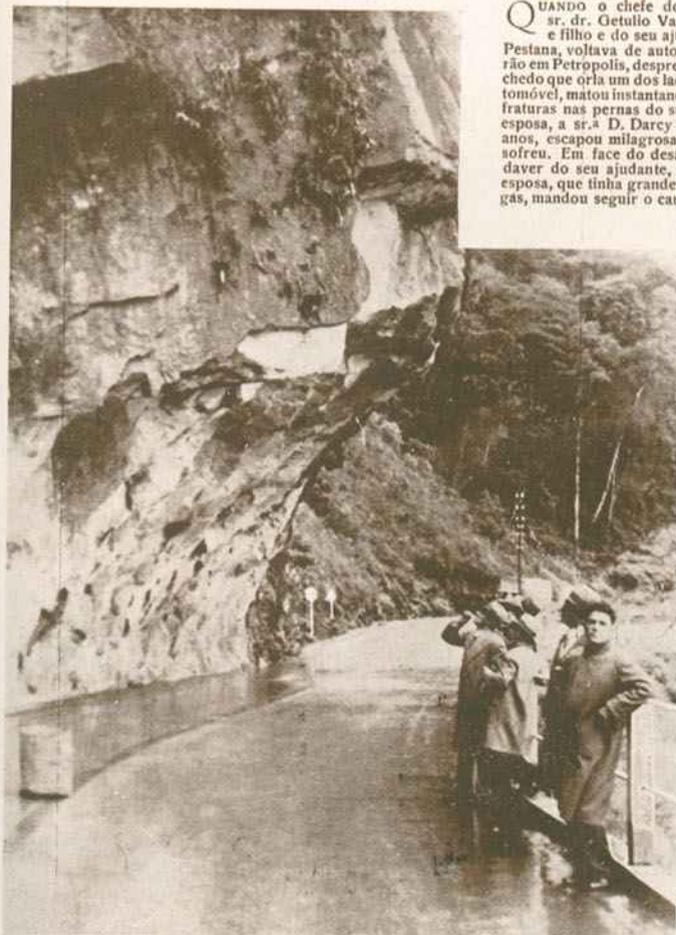
A policia tomou imediatamente conta do ocorrido. Realizou minuciosas investigações para averiguar se o desastre teria sido ocasional — pois que se deu de noite, quando chovia torrencialmente e trovejava, soprando um vendaval enorme — ou se havia sido provocado por qualquer atentado. O inquerito policial, chegou á conclusão de que se tratava dum desastre ocasional, aliás frequentes naquela estrada.

Se a pedra, em vez de ter caído directamente sobre o capitão Pestana, tem caído em cima do motorista, e o tem ferido, o acidente teria tomado maiores proporções, pois que o automóvel, sem governo teria resvalado pelo abismo, que corre do outro lado da estrada.

O pedregulho pesa oitenta quilos.

Recolhidos os feridos, no Sanatório de S. José, em Petropolis, verificou-se que o presidente Getúlio Vargas tinha ambas as pernas partidas e que sua esposa sofrera também uma grave fratura numa coxa. O filho que seguia num dos bancos da frente, ao lado do ajudante de ordens, sentindo frio, foi sentar-se, alguns metros antes do carro ter chegado ao local do desastre, entre os pais. Pouco depois dava-se a catastrophe.

QUANDO o chefe do Governo Provisório do Brasil, sr. dr. Getúlio Vargas, acompanhado de sua esposa e filho e do seu ajudante de ordens, capitão Alfredo Pestana, voltava de automóvel, para a sua residencia de verão em Petropolis, desprende-se uma enorme pedra dum rochedo que orla um dos lados da estrada. Caindo, sobre o automóvel, matou instantaneamente o capitão Pestana e causou fraturas nas pernas do sr. dr. Getúlio Vargas e nas de sua esposa, a sr.^a D. Darcy Vargas. O filho, creança de doze anos, escapou milagrosamente. O motorista também nada sofreu. Em face do desastre e sustentando no colo o cadaver do seu ajudante, acalmando ao mesmo tempo sua esposa, que tinha grandes dores, o presidente Getúlio Vargas, mandou seguir o carro para o hospital mais proximo.



Dois aspectos do local onde seguia o carro que transportava o Chefe do Governo Provisório do Brasil, no momento em que o pedregulho se desprendeu da rocha (Fotos do jornal «A Noite» do Rio de Janeiro)

Andam de luto as musas... morreu a condessa de Noailles



A condessa de Noailles quando do apogeu da sua carreira literaria

ANDAM de luto as musas e no Parnaso tangem sinos, anunciando em sons comovidos, a partida, para regiões desconhecidas, de uma das suas representantes neste planeta, onde nêem sempre as rosas se abrem, para os cultores da poesia.

Os tempos há muito que correm em demanda de prosáicas realidades, e as gentes, em constante luta para manter o corpo, tratam pouco das necessidades do espírito e, se o alimentam, não é raro que prefiram géneros de má qualidade que o deprimem em vez de o tonificar.

A poesia, então, encontra poucos pretendentes, e só os ávidos de beleza a acolhem e encorajam, com a sua admiração e a sua ternura.

Mas êsses mesmo precisam não ser desiludidos, para persistirem na sua predilecção por ela.

É realmente necessário um verdadeiro temperamento poético, aliado a uma forte inspiração, para que uma mulher que faz versos interesse o público, e o faça parar diante da vitrina onde se expõe a sua obra e o leve a adquiri-la, sem demora, cobiçosamente e a lê-la, sobretudo.

Êste último verbo é indispensável para demonstração do interêsse do comprador, porque há quem compre livros pela vaidade de os ter na sua estante, mas que nem sequer chega a abri-los.

Que certas obras se vendam não é bastante, para impôr um autor. A consagração definitiva é a sua leitura — e a sua leitura integral — *all over*, como dizem os inglêses.

Pois a condessa de Noailles, tinha motivos para se envaidecer, se vaidosa fôsse, porque quem pegasse num livro seu e lesse um verso, aqui e ali, por desfastio, não conhecendo ainda o seu estro, era forçado a percorrê-lo de ponta a ponta, e com sofreguidão como se estivesse regalandando-se com um prato saboroso e nutritivo.

Porque a obra rimada da excelsa poetisa tem a bizzarria da forma a envolver a substância do conceito, sempre rico de vitaminas espirituais.

Panteista, por vezes, em arrancos de bucolismo pagão, molha de bom grado a sua pena em coloridas e voluptuosas tintas, como nesta quadra, do seu primeiro livro, *Le cœur innombrable*:

*Être dans la nature, ainsi qu'un arbre
humain
Êtendre ses désirs comme un profond
feuillage,
Et sentir, par la nuit paisible et par
l'orage,
La sève universelle, affluis dans ses
mains.*

* * *

Essa mulher que admiradores mais ou menos sinceros acompanharam até à porta de um jazigo caro, talvez preferisse a carícia da terra fresca e as mãos rudes de um coveiro, filósofo como o do Hamlet.

Esse entêrro simples, e sem o espectáculo hipócrita dos grandes cortejos, diria melhor com o seu culto pela natureza e a singelêza do seu espírito cuja modéstia ocultava um tesouro inestimável.

Mas o mundo é assim. Os preconceitos da sociedade exigem que cada um se conduza na vida, e que depois de morto outros o conduzam, segundo a sua jerarquia e a sua posição.

Princesa por direito de nascimento, a que foi depois condessa de Noailles, teve mais tarde outro principado, de maior valia e mais requestado, do que aquêle que já a esperava, quando ainda existia apenas na aspiração dos seus progenitores.

Foi a princesa da Poesia de França título que devia orgulhá-la, com mais razão, porque o ganhou com o seu formosíssimo talento, num torneio difícil, com rivais dignas do seu esforço.

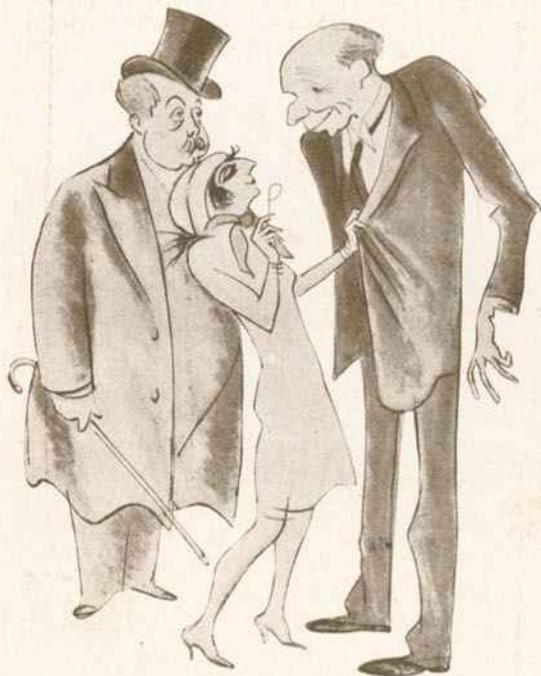
E para justificação da sua vitória bastavam estas quadras de um tão delicioso sabor:

*Ô lumineux matin, jeunesse des journées
Matin d'or, bourdonnant et frêle comme un bourdon,
Qui piques chaudement la nature, étonnée
De te revoir après un temps de nuit si long.*

*Matin, fête de l'herbier et des chaudes rostes
Rive du vent agile, veit du jour curieux
Qui regardes les fleurs, par la nuit reposés
Dans les buissons luisants s'ouvrir des yeux.!*

* * *

Tive a fortuna de conhecer a inspirada Ana-Isabel em Paris, numa festa de caridade patrocinada pela duquesa de Uzès, também já desaparecida, grande amiga dos artistas, e fiquei encantada com o seu rosto de feições delicadas, onde cintilava, nos seus olhos sonhadores, a chama do génio. Inquiriu da família real, da sua saúde, e perguntou-me se já a conheciam em Portugal, pois que tinha apenas três livros de versos publicados. Essas obras não eram tão recentes,



A condessa de Noailles entre lord Robert Cecil e Painlevé
(Caricatura de von Derso)

que não tivessem há muito espalhado a sua fama por tãda a parte, principalmente no nosso país, onde houve em todos os tempos leitores assíduos da literatura estrangeira, com especialidade a francesa, por ser num idioma mais acessível a tãdas as aptidões linguísticas.

Creio mesmo que foi por modéstia ou para ser directamente informada mais uma vez, que a excelsa poetisa formulou a sua interrogação.

Naquêlo momento, mandavam as boas maneiras que eu lhe dêsse resposta satisfatória.

Felizmente não precisei da mentira, que eu detesto, para lhe ser agradável, assegurando-lhe que tinha por cá inúmeros admiradores dos seus versos inolvidáveis.

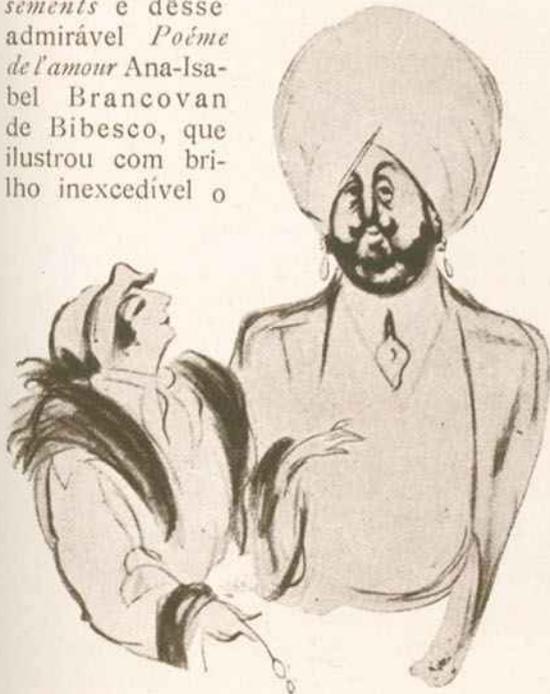
Depois dêste feliz encontro, que já lá vai há muitos anos e cuja lembrança perdura em mim, nunca mais vi a condessa de Noailles, senão em fotografia.

Mas fiquei relacionada com a sua alma, através dos seus livros, em prosa ou verso, porque em todos ela palpitava e eu a sentia, como se a tivesse ali mesmo ao pé de mim, dizendo-me, na sua voz tão harmoniosa e quente:

— «Est-ce que cela vous plaît?»

* * *

A romancista de *Le visage émerveillé*, de *La nouvelle espérance*, a poetisa illustre de *Les Eblouissements* e dêsse admirável *Poème de l'amour* Ana-Isabel Brancovan de Bibesco, que ilustrou com brilho incedível o



A condessa de Noailles e o príncipe indiano Patiala
(Caricatura de von Derso)

nome de seu marido, escolhido por ela para assinar a sua obra, amava a vida, com frenesi e tudo nela a rejubilava.

Já no pórtico dêsse paraíso que é o seu primeiro livro, ela nos convidava aos prazeres da existência, com êste dístico de Marco Aurélio:

— «O' monde, tout ce que tu m'apportes, est pour moi un bien!»

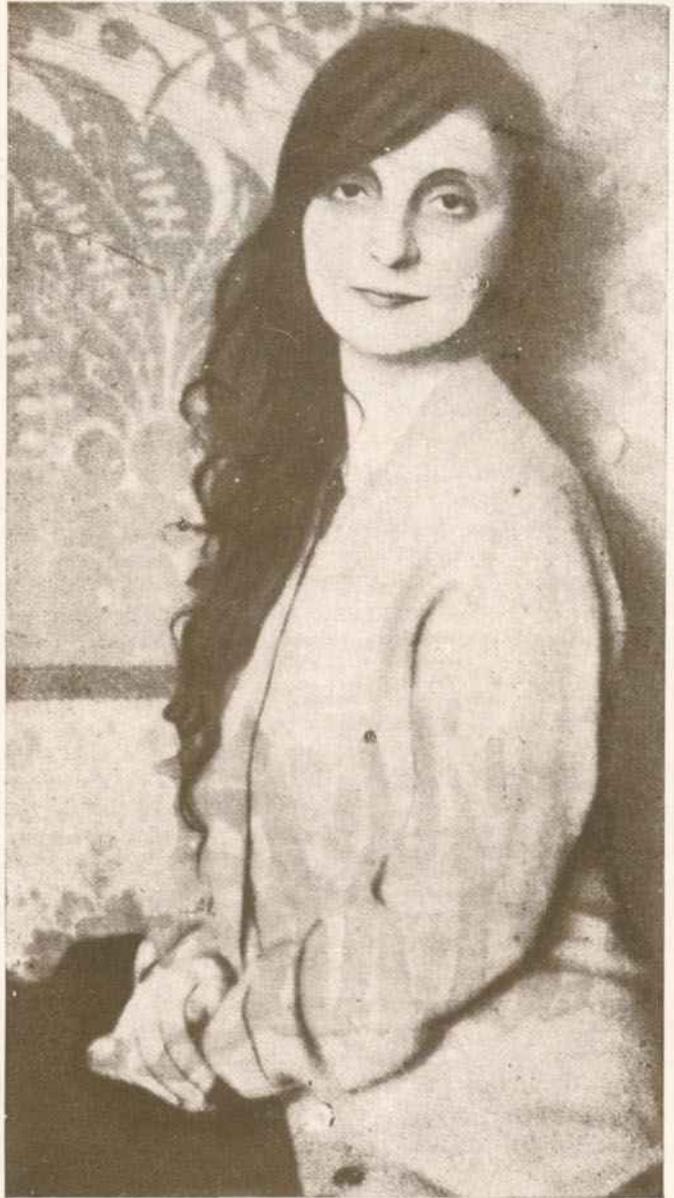
A legenda e tudo o que em si substanciava, consolava-nos do pessimismo da tabuleta que Dante pendurou à entrada do seu *Inferno* que era também o seu paraíso perdido.

A sua ânsia de viver escapá-se voluntariosa, dêstes versos, onde se advinha o seu receio de vêr murchar as ilusões e fanar-se a mocidade, antes de se ter sorvido tãdas as volúpias e tãdas as doçuras que a vida nos oferece, mesmo aguãdas pela dôr:

*Déjà la vie ardente s'incline vers le soir.
Respire ta jeunesse,
Le temps est court qui va de la vigne
au pressoir
De l'aube au jour qui baisse.*

Leitor, quero que guardes nos teus olhos o deslumbramento que nêles acendeu o facho luminoso que imprimiu, em letras inapagáveis, êste apêlo estridente que chama a mocidade e lhe grita: — Não estragues a vida, aproveita-a bem. Senão, quando quiseres voltar-te para a luz, já será noite cerada!

Por isso, não digo mais.



A condessa de Noailles na ocasião de ser condecorada com a comenda da Legião de Honra

E que poderia eu dizer — e que disse eu já — que tivesse a eloquência da musa da sublime poetisa morta? O seu elogio está na sua própria obra.

Tudo que se lhe junte, não passa de uma imitação pobre, e desastrada, da certeza gloriosa que salta das suas páginas.

E para que a tua impressão de beleza seja mais nítida e mais forte, lê ainda êste hino à vida, ao qual se mistura como que um pressentimento de morte:

*Ah! que vivre est divin!...
Rêver encor, aimer encor, souffrir encor;
Mais vous viendrez enfin! Douce et divine mort!...
Je meurs et sur mes yeux l'on baisse mes paupières...
Je sens ce soir qu'on peut mourir de poésie...
Allez! Je veux rester seule avec les tombeaux...*

O monumento ao marquês de Pombal deve ser inaugurado no dia 13 de maio do próximo ano

vale a pena recordar que reuniu donativos na importância de 17.544\$256, quantidade considerada para essa época.

Em 1913 foi aberto concurso entre os artistas nacionais para a construção do monumento. E após diversos incidentes,

foi o primeiro prémio adjudicado ao projecto que se apresentava com a legenda *Gloria Progressus — delecta reati*, da autoria dos arquitectos Adães Bermudes e António do Couto e do escultor Francisco Santos, já falecido.

Foram criados então os selos comemorativos de Pombal, de afixação obrigatória em toda a correspondência em datas designadas. Em 1924, já a comissão tinha, em seu poder 3.131.071\$00 pelo que se deu início às obras. Mais tarde, tendo por decreto sido anulados os selos, ficou a comissão a receber da Administração dos Correios uma anuidade de 270 contos.

Assim se foram carregando os materiais necessários à construção deste grandioso monumento. E em 12 de maio de 1926 já se podia proceder ao lançamento dum das pedras angulares, cerimónia presidida pelo dr. Bernardino Machado, ao tempo chefe do Estado, e em que teve lugar de destaque o saudoso Magalhães Lima, como presidente da Comissão Executiva do Monumento.

Depois disso as obras têm prosseguido sem desfalecimentos apesar da comissão ter sofrido a perda irreparável de alguns dos seus amadores, entre os quais avulta Magalhães Lima.

Ao esforço incansável da comissão se deve este facto que registamos com satisfação profunda: Lisboa vai ter um monumento digno do Homem que Voltaire classificou de «exorbitante». E a sua inauguração solene deverá fazer-se já em 13 de maio do próximo ano, data aniversária do seu nascimento.

Pudemos visitar com vagares o belo monumento em construção, acompanhado de dois *clercos* por igual ilustres e amáveis — o coronel de Estado Maior, sr. dr. Oliveira Simões, membro da Comissão Executiva do Monumento; e o architecto sr. António do Couto, um dos autores do projecto.

Deste modo nos foi possível apreciar de perto, guiado por eruditas explicações, todo o considerável trabalho realizado e que se traduzirá num monumento dos mais grandiosos que a nossa capital possua.

Mede o monumento a altura de

36 metros e será rematado no topo pela estátua do marquês apoiando-se num leão, símbolo da força popular. Esta figura do marquês medirá 9 metros de altura. E porque não pode ser fundida dum só facto, dadas as suas dimensões, será formada de três peças ligadas entre si por rebites e soldadura oxi-acetilénica.

Na coluna que serve de suporte a este grupo acham-se esculpidos em medalhões os principais colaboradores do grande homem de Estado. São eles: Ribeiro Sanchez, que reorganizou o ensino, Eugénio dos Santos, D. Luiz da Cunha, Manuel da Maia, Machado de Castro, o autor admirável da estátua de D. José, Luiz Verney, conde de Lippe e Seabra da Silva.

Por baixo d'estas medalhões e descendo ao longo do pedestal estão inscritas, numa síntese inteligente, as primitivas obras de Pombal, sob uma forma que evoca os versículos duma bíblia de princípios liberais: abolição da escravatura; reedificação da cidade; expulsão dos jesuítas; reformas do ensino; etc.

Forma a retaguarda da base do monumento, na face voltada ao parque Eduardo VII, uma estátua de Minerva tendo na mão a figura da Fama. Por trás desta estátua, fica um pórtico, ladeado de colunas, alusivo à Universidade de Coimbra e à importante reforma aí realizada pelo marquês.

Do lado, acha-se a base do monumento decorada com grupos de colossais dimensões, — um alusivo ao Comércio e Indústria e outro, à Agricultura.

A frente do monumento é a que se encontra actualmente em mais activa construção. Debruçados sobre a pedra, de cinzel em punho, os canteiros vão modelando as figuras grandiosas que formarão esta importante parte do monumento.

Todo o trabalho é feito

nêse admirável fioz branco, de Sintra donde o cinzel hábil dos nossos artistas extrai maravilhas. Acaba agora de se esculpir uma peça de enormes dimensões, uma das maiores que entram no monumento. E a título de informação o dr. Oliveira Simões informa-nos de que esta pedra custara — quando ainda não era mais do que um informe bloco — qual-quer cousa como vinte e um mil escudos.

Esta parte do monumento, que faz face à Avenida da Liberdade, acha-se pois em adiantada construção. Será encimada por uma figura feminina em que se simboliza Lisboa ressurgida das ruínas do megasismo de 1755. Por baixo, fica: ao centro a proa dum navio fendendo as águas, ladeado à direita por Plutão, alegórico de terramoto, e à esquerda por Neptune, cavalgando um tritão e alusivo ao maremoto que completou a obra de destruição daquele.

Aqui rematará o pedestal do monumento por um pequeno lago de que os autores do projecto esperam tirar excelente efeito.

Cercá-lo-á depois uma vasta esplanada, em cujos ângulos serão colocados candieiros dispostos de modo a iluminarem por completo as figuras do monumento.

Portugal vai pois resgatar-se dum compromisso sagrado — exaltar a obra de quem tão alto soube erguer o nome e prestígio da sua terra.

Cento e cinquenta e um anos decoraram já sobre a sua morte. Foi em 8 de maio de 1782 Pombal, o homem que fora adorado e temido, morria cercado dos raros que se lhe conservaram fiéis. Tinha oitenta e três anos. Embalsamou-o o dr. José Correia Picaço, que é nomeara reitor da Universidade e que assim lhe

quis pagar o último tributo da sua gratidão.

Foi o corpo conduzido para a Igreja de Santo António dos Franciscanos. Esperava-o à porta outro dos que praticavam a virtude da gratidão — D. Francisco de Lemos, que éle fizera bispo de Coimbra. E sem pompas fúnebres, assim desceu à sepultura o homem a quem a Pátria tanto devia.

Foi o lente de teologia, da Universidade, fr. Joaquim de Santa Clara, quem prôgo o sermão junto dos seus restos mortais. E foi notável é essa peça oratória no género que chegou a ser discutida no Vaticano pelas mais altas mentalidades da Igreja.

Com a invasão de Massena foi a singela sepultura do marquês violada. Despojaram-no do fato, espada e esporas. E os ossos lá ficaram espantos pelo chão sem que alguém pensasse em os recolher, pois todos tinham fugido ante as tropas de Massena.

Piedosamente recolhidos num caixão modesto por um parente do marquês, aí se conservaram ainda por largos anos. Só em 1856 se fez a trasladação para a capela das Mercês, à rua do «Século», que Paulo de Carvalho, tio-bisavô do marquês, mandara construir. Pela revolta de 5 de outubro, que implantou a República, alguém penetrou na capela e mais uma vez a sepultura do Marquês foi violada. Só mais tarde se pensou a sério na trasladação dos restos mortais do incomparável homem de Estado para sepultura condigna. Foi esculpida para esse fim a Capela da Memória, em Belém, que éle próprio mandara construir. E em 13 de maio de 1923, procedeu-se com solenidade à trasladação. E de supor que nada voltará a perturbar o repouso dessas cinzas gloriosas.

Propositadamente fizemos esta ligeira digressão histórica para provar como era grande a dívida da Pátria à Pombal. Perseguido após o faticamento de D. José, morreu esquecido e caluniado. Poucos dos que da sua mão vigorosa haviam recebido benesses lhe prestaram nêse momento supremo a sua homenagem. O próprio repouso sagrado dos seus restos mortais por duas vezes foi sacrilegamente interrompido.

Mas Pombal não esquecerá na alma do povo. A sua recordação vivia no espírito de todos como a mais alta personificação dos princípios liberais. A trasladação dos seus restos para a capela da Memória foi o primeiro passo dado no sentido do

resgate da dívida contraída para com Pombal. A inauguração do monumento será a liquidação dessa dívida. E no dia, que já não vem longe, em que a inauguração se fizer, estamos certos de que o povo de todo o País vibrará de entusiasmo.

Essa obra grandiosa, levada a cabo através de cansaças, numa persistência que só o ideal pode criar, deve-se — é nosso dever salientá-lo — à Comissão Executiva do Monumento.

Muito se deve ainda à eficaz acção do Estado cujo importante concurso tornou possível a efectivação do monumento.

Além do mais, Lisboa vai ficar dotada com peças escultóricas de valor tanto pelo modelado como pelas proporções. Concebeu-as Francisco Santos, um dos autores do projecto. E após a morte d'este, executaram-nas Simões de Almeida e Leopoldo de Almeida.

E agora, aguardemos mais um ano apenas para a estátua do estadista, que fez ressurgir Lisboa das suas próprias ruínas, se erga em toda a sua grandezza, face à Avenida da Liberdade...

Manuel L. Rodrigues.



O grupo alusivo à Agricultura foi colocado do lado oposto à esquerda do monumento



A «maquete» do monumento é da autoria dos arquitectos Adães Bermudes, António do Couto e do escultor Francisco Santos, já falecido



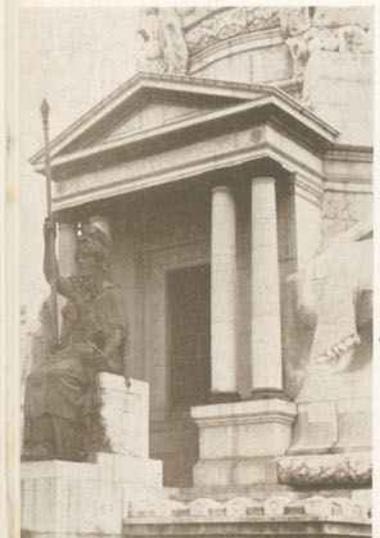
O grupo que simboliza o Comércio e a Indústria está colocado à direita do monumento

Vem de longa data a ideia da erecção dum monumento à memória do grande estadista que foi Sebastião José de Carvalho e Melo, marquês de Pombal.

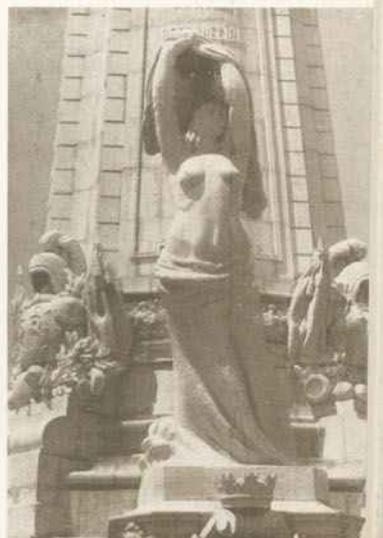
Compreende-se bem que assim seja. «Pombal, oriundo de nobres e áulico dum rei abolido, foi o primeiro democrata», como muito bem o definiu Cesar da Silva numa conferência proferida na Associação Commercial dos Lojistas de Lisboa, em 1904. E tendo sido um verdadeiro democrata, como o prova com as suas reformas liberais, natural era que tivesse a consagração dum povo que preza acima de todos o ideal da Liberdade.

Por isso, logo em 8 de maio de 1882, primeiro centenário da morte do marquês, se procedeu ao lançamento da pedra de fundação do monumento, cerimónia que foi presidida pelo rei D. Luiz.

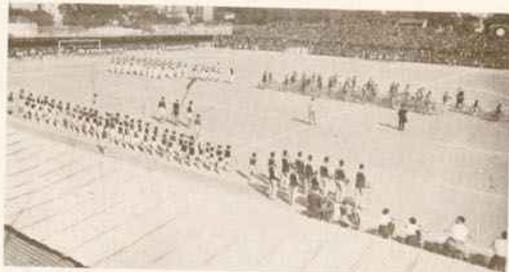
Dias antes, em 28 de abril d'esse mesmo ano, organizara-se a comissão a que presidiram Rodrigues Sampaio e Luciano Cordeiro. Nada pôde essa comissão fazer por diversos motivos. Em vista do que em março de 1905 outra comissão se constituiu presidida agora por Veiga Beirão e Ferreira do Amaral. E a título de curiosidade



A estátua de Minerva fica colocada em frente do pórtico, alusivo à Universidade de Coimbra



A figura de mulher que simboliza Lisboa ressurgida das ruínas do terramoto de 1755



A praça desportiva do Sport Lisboa e Benfica

dois temperamentos mais semelhantes e capitula o menos aperfeiçoado e menos cultivado.

Precisamos preparar os nossos jogadores de foot-ball com uma educação física e atlética rigorosa, base essencial dos sucessos desportivos nas duras

lutas internacionais, onde a par da classe técnica fala sempre o coeficiente de robustez e resistência dos homens.

DURANTE a quinzena que nos cabe referir, o desporto português esteve em constante contacto internacional e, com agrado o registamos, foram lisonjeiros ou honrosos os resultados colhidos.

O foot-ball enviou a França uma equipa militar de boa classe, seleccionada à base de um dos melhores clubes lisboetas reforçado por alguns elementos indiscutíveis do nosso efectivo nacional, tais como Roquete, Carlos Alves e Alvaro Pereira.

O grupo efectuou três encontros, empatando duas vezes contra fortes seleções civis do Norte e de Paris, vencendo da terceira a equipe representativa de um regimento de Estrasburgo que é o campeão militar de França.

Embora possam ser criticáveis as bases em que assentou esta expedição desportiva, e deva parecer estranho que uma equipa militar se tenha deslocado ao estrangeiro para enfrentar agrupamentos civis, passando desconhecida por aqueles que deviam ser seus naturais adversários, não é acontecimento tão vulgar uma saída vitoriosa além-fronteiras de qualquer organização nacional, que deixemos escapar esta sem a collocarmos no plano de destaque conveniente e justo.

Quasi na mesma época outra equipa, a selecção regional do Porto, deslocou-se a Oviedo para enfrentar o grupo representativo das Asturias e regressou com uma pesada punição de 6 bolas a 3. O jogo parece não haver agradado a nenhum dos adversários, os quais ambos se queixam: os portugueses, da parcialidade do árbitro, confirmada unanimemente pela critica dos próprios locais; os espanhóis da inconsistência de técnica dos visitantes que não souberam imprimir ao encontro uma toada agradável de entusiasmo e competição.

Continuamos desta forma a fracassar em todas as nossas tentativas em terras de Espanha que, decididamente, nos são ingratas. Talvez porque as características de jogo são semelhantes na essência em ambos os países ibéricos, mais se assentam no confronto as rossas insuflências.

Contra outros adversários co, seguimos obter resultados favoráveis, cuja origem devemos procurar na surpresa causada pela nossa maneira especial, ardente e impetuosa, de conduzir a partida; no caso da Espanha, chocam-se

A QUINZENA DESPORTIVA Foot-ball, aviação, basket-ball e rugby

taram vôo e, em menos de três horas, conseguiram todos os seus intuitos, fotografias, observações topográficas e meteorológicas, dados estes que foram imediatamente comunicados à expedição terrestre que iniciava também as suas primeiras etapas. As últimas notícias recebidas dão-na como imobilizada no pósto 1 de reabastecimento, portanto no início da ascensão, em virtude das tempestades de neve que tem assolado a região.

Por curiosidade indicaremos quais as anteriores tentativas de escalada do Everest. Em 1921 realizou-se a primeira caravana que pouco mais alcançou do que os 5.000 metros; no mesmo ano uma outra expedição, fazendo caminho pelo nordeste atingiu 6.800 metros. Em 1922 o duque dos Abruzzos subiu a 7.350 metros, e os ingleses sucessivamente a 7.680, 8.168 no dia seguinte e ainda 8.328 metros. Finalmente em 1924, no dia 26 de Março, partiu a expedição do general Bruce, dois de cujos componentes, Irvine e Mallory, partiram do último pósto a tentar a escalada, tendo sido vistos a uns duzentos e cincoenta metros do vertice. Infelizmente não voltaram, e a montanha guardou o seu segredo inviolável.

Ao contrário do que seria presumível, existe na terra uma região inexplorada: os cimões do Monte Everest, a mais alta montanha do mundo, que se ergue no centro da Ásia a 8882 metros. Os ingleses organizaram nos últimos anos expedições compostas pelos seus melhores alpinistas mas todos os esforços fracassaram, custando algumas vidas aos mais arrojadados, que um dia partiram à conquista das alturas e nunca mais desceram, sepultados para sempre no alvutímulo dos gelos eternos.

Mudando de rumo, os britânicos resolveram preparar uma missão aerea que fôsse voar sobre o inviolável Everest, quebrando o encanto e obtendo um certo número de fotografias que servissem para ajudar, com suas referências, os futuros escaladores do gigante.

Os dois aviões escolhidos assentaram base em Purnea, a 160 milhas do Everest, e foram cuidadosamente preparados para a viagem especial de que iam encarregados. Um dos pormenores que maior cuidado mereceu foi o aquecimento, levando em conta a temperatura extrema que os aviadores forçosamente haviam de suportar e que estava avaliada em 60° negativos.

No dia 3 de Abril os aparelhos levam-

No dia 10 de Abril passado, o sargento aviador italiano Francesco Agello bateu o record da velocidade no ar, de que era detentor o inglês Stainforth, ultrapassando 682 quilómetros por hora.

Esta proeza, absolutamente notável, vem coroar o persistente e demorado esforço da aviação italiana em busca da reconquista de um bem que fôra seu, pelos 512 km.-h. de Bernardi, em Veneza no dia 30 de Março de 1928, e do qual a Inglaterra se apossara desde Setembro de 1929.

Traçado um judicioso plano geral de

organização, a Italia prosseguiu sem descuido a realização do seu programa. Em vez de procurar novas fórmulas, os italianos mantiveram um tipo clássico de aparelho que progressivamente aperfeiçoaram: um hidrovião movido por dois motores de uma potência total de 2.800 c.v. e provido de duas hélices girando em sentido inverso.

Os italianos pensavam poder disputar a Taça Schneider de 1931 com este hidrovião Macchi-Fiat, mas a preparação e afinamento foram demorados e difíceis. No lago de Garda, onde está instalado o centro dos estudos de velocidade aerea, por três vezes Agello melhorara o record de Stainforth, mas os resultados foram julgados insuficientes para serem divulgados e inscritos na tabela oficial, e o Ministério do Ar apenas agora consentiu no comunicado desde 682 km., que batem de 25 km. a antiga performance.

O triunfo que acaba de registar custou caro à Italia; caro em trabalho e dinheiro mas, sobretudo, caro em preciosas vidas humanas.

Motta, Monti, Bellini, Dal Molin, morreram durante os vôos de experiência, e Neri durante os treinos.

Da equipe formada em 1923, sob o comando do coronel Bernasconi, apenas resta Agello, sargento de fôrta e um ano que já duas vezes, em 1929, caiu à água. A ele coube a honra de provar que o sacrificio dos seus companheiros não fôra inútil.

O basket-ball, desporto relativamente novo em Portugal, tem adquirido um enorme desenvolvimento sendo hoje uma das modalidades mais praticadas e conhecendo já uma vida internacional. Infeliz-

mente a malfadada politica dos dirigentes, impantes de estulta vaidade, criou no país uma deplorável cisão com evidente prejuizo do valor nacional.

Por isso o grupo representativo português que agora encontrou no Porto e pela terceira vez a equipede França, apenas foi recrutado entre os jogadores do Porto e de Coimbra; os de Lisboa, dissidentes pela teimosia dos seus orientadores, ficaram arredados e foram de abalada, a título de consolação, até Madrid onde a selecção da cidade os bateu pela minima diferença de um ponto que parece haver sido oferecido generosamente por um arbitro demasiado patriótico.

Os franceses, os melhores valores do basket europeu, venceram-nos com nitidez mas, segundo a sua própria opinião, os nossos progressos foram consideráveis e o score excessivamente severo para a diferença relativa de valores. Porque não tomamos esta fisonomia apreciação como um incentivo e um conselho, procurando à sua sombra unificar as hostes de forma a constituir no ano próximo um cinco nacional que represente com verdade, em Paris, o valor do basket português? É inegável que em Lisboa existem elementos com direito a figurar na categoria de internacionais e que se vêem arredados por complicadas questiunculas a que são estranhos, que não compreendem, mas das quais resultam as unicas vilmas. Que bom seria, se o bom senso se pudesse distribuir avulso!

Terminou numa deplorável decadência de interesse o 7.º campeonato de rugby de Lisboa, bem digno de melhor sorte.



Os cinco de basket de França e Portugal

O Gimnásio Club Português alcançou o justo prêmio dos seus esforços de tantos anos, conquistando o título regional com um brilhantismo invulgar, pois venceu todos os encontros e termina o torneio sem haver consentido aos adversários a marcação de um único ponto. Não há considerações que possam alijar o valor deste triunfo, mas é incontestável que, nos restantes competidores — Belenenses pósto de parte — se registou uma quebra de valor e, sobretudo, um desinteresse que augura mal do futuro do rugby lisboeta.

O Sporting, ex-senhor da especialidade, faliu por escassez de entusiasmo nos seus jogadores, aos quais faltou firmeza para lutar contra a adversidade; o Benfica, o Carcavelinhos, também se valeram dos mesmos elementos de épocas passadas, sem novo recrutamento a refrescar as fileiras. Este é o grande mal, que vai matar o rugby entre nós.

O período inicial da especialidade criou um ambiente de simpatia em torno do jogo, que permitiu a constituição de alguns grupos equilibrados; os anos voltaram e os homens de hoje são quasi ainda os mesmos de então, em evidente declínio de forma, e como não surgem valores novos a substituí-los o rugby definha e tende para o fim.

Custa-me muito esta afirmação, que acarreta a derrocada de uma obra que ajude a edificar, mas a razão aponta-ma como um facto e quero amarrá-la como uma grilheta à consciência dos culpados, daqueles que se arvoraram em competentes, em técnicos e árbitros, sem autoridade para desempenho do papel ou sem conhecimentos, porque nunca na sua vida viram jogar rugby de verdade.

Estes foram os que permitiram em Lisboa o desenvolvimento de um rugby violento e à margem das regras, em que a força brutal é senhora absoluta, e que afastou dos terrenos os novos praticantes, presando a respectiva integridade física. O rugby não foi compreendido em Portugal e tem os seus dias contados; parece-nos que só o Gimnásio, único grupo ainda constituído, o poderá salvar.



O genço militar português de foot-ball que jogou em França



O «genço» de rugby do Gimnásio, vencedor do campeonato de Lisboa

VIDA ELEGANTE

Festa de caridade

«NA ESTUFA FRIA»

Organizado por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade de que fazem parte D. Honorina de Moraes Graça, D. Maria Domingas de Sousa Coutinho Rebelo da Silva e D. Maria Madalena Trigueiros de Martel Patricio, realisa-se na tarde do 20 do corrente, na Estufa Fria, gentilmente cedida pela Comissão Administrativa da Camara Municipal de Lisboa, um concerto de caridade, pela orquestra de musica de camara, sob a habil regencia do maestro sr. dr. Ivo Cruz.

Os pedidos de bilhetes para esta elegante festa de caridade, cujo producto se destina a favor de varias obras de beneficencia, devem ser feitos pelo telef. 2 7047, sendo o preço de 15\$00 e 7\$00.

«CHÁ MAH-JONG»

Decorreu com grande animação e brilhantismo o «chá Mah-Jong» de caridade, que na tarde do dia 8 se realisou no salão do primeiro andar do Pavilhão de Exposições do Parque Eduardo VII, levado a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade de que faziam parte D. Alice Ferreira Pinto Basto, D. Berta Ortigão Ramos, condessa de Calhariz, D. Honorina de Moraes Graça, D. Maria do Carmo de Castro Pereira de Carvalho, D. Maria Domingas de Souza Coutinho Rebelo da Silva, D. Maria Ignacia de Castelbranco, D. Maria Izabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha, D. Maria Madalena Trigueiros de Martel Patricio e D. Maria Tereza Ferrão de Castelo Branco, cujo producto se destinava a varias escolas para crianças pobres.

Na selecta assistencia notavam-se entre outras as sr.^{as}:

Condessa de Ficalho, viscondessa de Silveiras, viscondessa de Sacavem, D. Maria Domingas de Souza Coutinho Rebelo da Silva, D. Octavia Gue-

des Cau da Costa, D. Maria Ana Perestrelo Soares Branco, D. Maria Tereza Valdez Pinto da Cunha, D. Rita Ferrão de Mascarenhas, D. Camilla de Paiva Raposo, D. Maria Madalena Trigueiros de Martel Patricio, D. Maria da Assunção Perestrelo de Matos, D. Maria Luiza Lobo de Avila Lima, D. Gabriela da Silva, D. Adeline Santos, D. Honorina de Moraes Graça, D. Maria Constança de Roma Machado de Paiva Raposo, D. Maria Constança de Mendonça da Cunha e Costa, D. Lidia de Guimarães Birl, D. Cristina Cordeiro Ferreira Roquete, D. I.éa Cohen Zagury e filha, D. Izaura Roquete, D. Maria do Carmo de Castro Pereira de Carvalho, D. Ilda Blanck, D. Helena Brazão, D. Maria Tereza Vecchi Pinto Coelho, D. Joana de Castel Branco Mendes da Silva, D. Maria da Assunção de Melo Mendes da Silva, D. Ana Maria de Barros da Costa de Moraes, D. Helena de Almada e Lencastre Teles da Silva, D. Ana de Foyus e Freitas, D. Maria Cordeiro Roquete de Campos

Henriques, D. Emilia Alves Arrobas, D. Maria Ignacia de Castelbranco, D. Albertina da Camara Rodrigues Waldon Supardo, D. Stela de Avila de Freitas Branco, D. Izabel Brazão de Somer, D. Alice Ferreira Pinto Basto, D. Fernanda de Melo Beirão, senhora de Lança Cordeiro, D. Sofia Lieberna de Vasconcelos Guimarães, D. Maria do Carmo Resende, D. Maria Margarida Franco dos Santos, D. Maria Francisca, D. Maria Leopoldina de Araujo Perestrelo de Vasconcelos, D. Palmira Navarro Viana Bastos, etc., etc.

«EM SÃO CARLOS»

Noutro lugar fazemos referencia á recita de caridade, por distinctos amadores, que se realisou a semana passada no teatro de São Carlos.

Casamentos

Na vila de Colares, realizou-se na igreja de Nossa Senhora da Assunção, o casamento da sr.^a D. Maria Amália Margarida Capêlo de Moraes, gentil filha da sr.^a D. Alice Capêlo de Moraes e do sr. Eduardo de Moraes, com o sr. dr. Fernando Manuel Alves Machado.

Foram padrinhos da noiva seus avós os srs. condes de Santar e do noivo sua mãe a sr.^a D. Maria Celestina Alves Machado de Oliveira e seu padrasto o sr. Raul Lopes de Oliveira.

Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Terminada a cerimonia religiosa, foi servido na elegante residência da quinta dos Freixos, propriedade dos pais da noiva, um finíssimo lanche.

Os noivos, a quem fôram oferecidas grande número de valiosas e artisticas prendas, partiram a bordo do paquete «Saturnia» para Itália.

—Na residência do coronel medico sr. dr. Vasco Fernandes, realizou-se, com muita intimidade, o casamento de sua interessante filha D. Alda Isabel, com o sr. Eduardo da Silva Fuertes Colombo.

Serviram de padrinhos por parte da noiva seus tios a sr.^a D. Adélia Ramada Curto e o co-



A sr.^a D. Maria Amália Capêlo de Moraes e o sr. Fernando Manuel Alves Machado por ocasião do seu casamento, realçado em Colares

nhecido advogado e dramaturgo sr. dr. Ramada Curto e por parte do noivo seus pais a sr. D. Laura Fuertes Colombo e o sr. Eduardo Fuertes Colombo. Finda a cerimonia foi servido no salão de mês, um finíssimo lanche.

—Com grande solenidade, realizou-se na Basílica da Estrela, o casamento da sr.^a D. Maria da Conceição Machado, interessante filha da sr.^a D. Maria do Carmo Machado e do sr. Pedro Rodrigues Machado, com o medico e escritor sr. dr. Santana Rodrigues.

Fôram madrinhas as mãs dos noivos, sendo a do noivo representada pela sr.^a D. Olivia Santos Paiva, esposa do professor sr. Dr. Almeida Paiva, e padrinhos o pai da noiva e o sr. Amal Peres, representado pelo juiz sr. dr. Camilo S. Maior.

Terminada a cerimonia foi servido na residência dos pais da noiva um lanche, seguindo os noivos depois para o *Palac* do Bussaco.

—Realizou-se na paróquia de S. Jorge, em Arroios, o casamento da sr.^a D. Raque de Passos Reis, interessante filha da sr.^a D. Cecilia de Passos Reis, com o tenente medico sr. dr. Fernando Machado Faria, filho da sr.^a D. Palmira Xavier Machado Faria e do sr. dr. Jayme dos Santos Faria, já falecido.

Serviram de madrinhas as mãs dos noivos e de padrinhos o pai da noiva e o tio do noivo sr. dr. Artur dos Santos Faria.

Aos noivos foi oferecida um grande número de artisticas prendas.

—Na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria da Graça Ribeiro Cabral, gentil filha da sr.^a D. Palmira Alves Cabral, e do sr. António Augusto Cabral, já falecido, com o sr. José António de Azevedo (filho), filho da sr.^a D. Elvira Roque de zevedo e do sr. José António de Azevedo.

Serviram de madrinhas a mãe da noiva e a sr.^a D. Georgina Nunes Beirão e padrinhos os srs. Roque da Silva Júnior e Raúl Ribeiro Cabral.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artisticas prendas.

D. Nuno



O casamento da sr.^a D. Alda Isabel Guimarães Fernandes com o sr. Eduardo da Silva Fuertes Colombo

Almada Negreiros



O artista bizarro Almada Negreiros, alma duma geração, tem alguns trabalhos expostos na galeria U. P. É uma série de quadros onde palpita o seu moderno talento. Merece uma visita essa exposição, para se ficar conhecendo o valor d'êste artista, que teimando em viver na sua terra e em fazer arte, está — como quasi tódo o nosso trabalhador intelectual — abandonado do público em geral e até das pessoas que deviam saber apreciar a boa arte.

Moreira Ferrér



O nosso prezado colaborador Moreira Ferrér, jornalista e escriptor distinto, vai lançar no mercado, muito brevemente, uma novela.

É a sua primeira obra. Será prefaciada pelo illustre academico e homem de letras Joaquim Leitão e terá o suggestivo título de «Flôres que o mundo cresta».

NOTICIAS DA QUINZENA

A Conferencia Intellectual da S. D. N.



REUNIU em Madrid a Conferencia Intellectual da Sociedade das Nações. O delegado de Portugal, foi o eminente escriptor, figura prestigiosa das nossas letras, sr. dr. Julio Dantas, illustre presidente da Academia de Sciencias. A gravura que publicamos, mostra-nos os delegados á Conferencia, acompanhados de alguns diplomatas: Da esquerda para a direita, de pé: Montenach (Suissa), prof. Pinder (Alemanha) Bonnet (França), prof. Strygowski (Austria), Unamuno (Espanha), prof. Lehman (Alemanha), dr. Julio Dantas (Portugal), prof. Haldane (Inglaterra), Melo Barreto (Embaixador português), Orestano (Itália), Embaixador de Italia, Ministro da Tchecoslováquia, prof. Garcia Morent (Espanha), prof. Severi (Italia), Oprescu (Romania), Jules Romains (França), Madariaga (Embaixador de Espanha em Paris), prof. Langevin (França), prof. Gray (Estados Unidos), Genaro Estrada (Embaixador do Mexico em Madrid), Tsül Valery (França) e Wiegø Brondal (Dinamarca) — Sentados: Madame Curie (França); Zulueta, ministro dos Negocios Estrangeiros e Mademoiselle Vacaresco (Romania).

João de Barros e Souza Costa



Dois nomes consagrados na literatura portuguesa, um na poesia e outro na prosa, acabam de vêr duas das suas melhores obras, lançadas no mercado, em terceira edição: João de Barros, o seu poema dramático «Anteu» e Souza Costa o seu livro «Paginas de Sangue — Brandões, Marçais & C.ª». Ambas as edições são cuidadas. A primeira pertence á Livraria Bertrand e a segunda á Casa Editora Portugal-Brasil.

Albano Negrão



OUTRA estreia literaria temos de anunciar: a de Albano Negrão, jornalista de grandes qualidades e que já tem firmado reportagens de valor. Acaba de publicar uma obra intitulada «O Carnaval da Morte». É um livro onde ha paginas descriptivas do que foi a grande guerra. É uma novela curiosa e que se lê com agrado. Literariamente bem feita, a sua factura desperta entusiasmo e interesse.

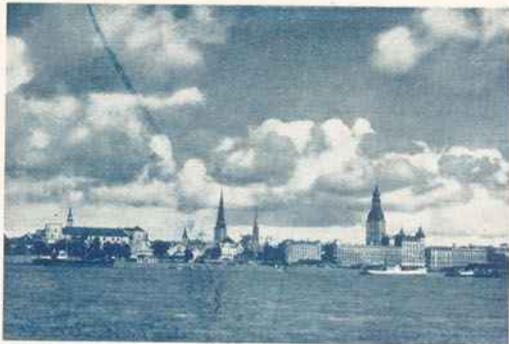
D. Maria de Andrade



NA Academia dos Amadores de Música efectuou ha dias um concerto a distinta cantora sr.ª D. Maria de Andrade, em que foram passadas paginas dos melhores autores nacionais e estrangeiros. A assistência — que era numerosa e escolhida — prodigalizou á D. Maria de Andrade calorosos aplausos de entusiasmo e admiração. Tomaram parte na audição os artistas: tenor Guilherme Kjölner, violinista Américo Lopes dos Santos, maestro Fernando Aíhos, D. Natália Barbosa de Andrade e D. Maria Luiza de Oliveira.



Pelo Estoril — hoje justamente considerada a sala de visitas de Portugal — estão passando as figuras em destaque de todo o mundo. Ainda, ha dias, por ali passaram os membros do Instituto Colonial Internacional e já temos de anunciar o banquete, efectuado no Estoril-Palacio, que o «Automóvel Club de Portugal», pela sua Secção «Centro Português de Turismo», ofereceu á Comissão Peninsular de Turismo.



Um aspecto de Riga visto do «Daugava»

IR à Letónia, aqui há uma meia dúzia de anos, podia classificar-se de aventura; realizar uma viagem até aos Estados Bálticos representava uma temeridade. Ignorava-se o que esses países eram ou viriam a ser, dizendo-se até que todos eles teriam uma vida bastante efémera. Entretanto, actualmente, assim já não sucede. Diante da Letónia surgem largos horizontes. Neste país grandemente atingido, não só pela guerra como pelas revoluções bolchevistas, vive uma população pequena, embora, mas corajosa e trabalhadora, resistente às adversidades e naturalmente disciplinada.

A grande semelhança que existe entre os letões e lituanos provém não só da extraordinária parecença dos caracteres antropológicos, idiomas, hábitos e costumes, que predominam entre uns e outros, mas também porque, durante o paganismo, ambos tiveram a mesma religião, adoraram idênticas divindades e tiveram iguais altares onde faziam arder os fogos eternos.



A vista praia de Riga

Os habitantes da Letónia são, na generalidade, de estatura um pouco superior à média, de cabelos lisos e louros, raramente ondulados, castanhos ou ruivos, rosto oval, testa alta e nariz direito.

A grande importância das florestas e

as condições naturais do país fazem com que um número elevado de letões viva isolado. «Fermes» há que se encontram afastadas umas das outras, um, dois e mais quilómetros. O letão é um povo extraordinariamente sociável, procurando as reuniões, o convívio, os grandes centros e só os seus misteres o podem levar a afastar-se daquilo que ele tanto aprecia.

Os habitantes da Latgália, contrariamente ao que acontece com os outros letões, agrupam-se constituindo pequenas aldeias, cujo aspecto, ainda um pouco primitivo, nos recorda a velha Rússia.

As casas de habitação das «fermes» letãs compõem-se, na grande maioria, de um só pavimento, com diversas divisões, tal como as habitações urbanas.

Com raras excepções, a alimentação dos camponeses é ainda bastante rudimentar sendo o seu alimento preferido a «potra», uma composição de cevadilha, água e leite. Os legumes são apenas representados por batatas e malaguetas

que, juntamente com mel, constituem um dos mais importantes elementos da alimentação.

Como bebidas muito apreciadas, a gente do campo, usa o suco de bétula fermentado ou o extracto de

IMPRESSÕES

Uma visão

frutos selvagens. O traje característico, influenciado pela civilização urbana, foi-se pouco a pouco modificando, tendo-os os homens quasi completamente abandonado e as mulheres só o usam, quando vivem bastante retiradas das cidades. Este, divide-se em duas partes; uma casaquinha, com ou sem mangas, vermelha, azul ou cinzenta escura enfeitada, algumas vezes a ouro ou prata e uma saia raiada ou quadriculada de cor clara nalguns pontos do país e mais escura noutros.

Entretanto a parte mais típica e original deste traje é a *villaine*, uma espécie de chaile em lã branca fixo ao ombro direito com o auxílio de uma grande fivela em metal, a que dão o nome de *sakta*.

Nalguns pontos, da província, prevalece ainda o hábito das raparigas e mulheres, até ao nascimento do primeiro filho, colocarem sobre a cabeça uma corôa, quando se dirigem para a missa ou para o trabalho. Logo, porém, que as mulheres se transformam em mães, substituem a corôa por um lenço, nos dias da semana, e por uma touca, guardada de metal e perolas, aos domingos e dias festivos.

No campo, como meio de transporte, usa-se o *tarantass*, um carro constituído por uma teiga de vime colocada sobre duas grossas travessas de madeira que servem de tirantes. Não tem bancos e os passageiros sentam-se ou deitam-se no fundo do grande cêsto.

Ao amável convite do sr. dr. A. Bihlman, ministro plenipotenciário e chefe da Secção da Imprensa junta ao ministério dos negócios estrangeiros, na sua agradável companhia, na do sr. D. Brakman, atencioso consul de Portugal, na Letónia, e na do meu presado camarada e companheiro Armando de Aguiar, visitei, nos arredores de Riga, em Sounichi, uma «ferme» modelo.

Depois de ter-mos, durante algumas horas, percorrido, de automóvel, boas estradas asfaltadas, rectas de uma infindável extensão, atavez cerradas e negras

DE VIAGEM
da Letónia

florestas de pinheiros, admirado a exuberante vegetação daqueles logares, bem qualificados, de «Suíça letoniana», chegámos finalmente a Sounichi, à encantadora herdade do sr. Armand Liepin.

Esta linda «ferme» possui os mais modernos aparelhos de lavoura e os estabulos mais higiénicos que temos visto.

No prado apascentam frinta e duas lindas vacas, pequenas — característico nos animais daqueles Estados — castanho-escuro, gôrdas e luzidas e de uma manjedoura extraordinária.

Como interessante, alguém nos informa que a produção diária de cada um destes animais, pouco maiores do que uma vitela grande, é, em média de dezasseis a vinte litros de leite.

A habitação do proprietário da moderníssima herdade é tal como as residências urbanas, provida de todos os confortos e comodidades, tendo a animá-la a efusiva alegria de uma encantadora pequenina de dois anos, de cabelos dourados e a formosura de sua mulher uma gentilíssima senhora letã.

Depois de haver atravessado as planícies turfosas e monotonas da Lituânia, salpicadas de caséres pobres e miseráveis depára-se-nos a fronteira letã como uma transformação da vida campesina. Temos agora diante dos nossos olhos casinhas asseadas; jardinsinhos, simbolizando o amor que o camponez consagra à terra; roseiras, flôres, trepadeiras, recordações de aldeias portuguesas, dos nossos arrabaldes.

E, assim entramos na cidade capital da Letónia: Riga — uma cidade com grandes avenidas arborizadas e floridas, de monumentos que lembram constantemente a velha Rússia, igrejas de cúpulas douradas; um bairro, com ruas estreitas e acanhadas denominado o «mercado alemão», evocando aspectos hanseáticos, com o seu característico próprio, idêntico ao que se disfructa de Lubeck até Bergen. Junto a uma enseada de grandes armazens corre o rio «Daugava», rico em navegação.

Como ponto de contacto entre a na-

vegação fluvial e marítima existem, no cáis, umas baracas de madeira pintadas de verde que dão à paisagem uma nota alegre e colorida. Bazares onde uma multidão barulhenta, mulheres de lenços de cores berantes, russos e judeus negociam queijos, peixe, carne salgada e todas as mil futilidades que se encontram à venda nas feiras e romarias.

A capital da Letónia, que Napoleão cognominou de «Faubourg de Londres» pode considerar-se a primeira cidade dos Estados bálticos quer por ser mais elevada a sua população, quer pela sua importância histórica, quer pelas grandes tendências que tem em progredir.

Embora plana, sem montanhas nem horizontes, Riga provoca-nos uma boa impressão, graças à beleza do seu rio; dos jardins e parques, atapetados de fresca relva verde; das grandes e largas avenidas visivelmente arborizadas e das ruas rectilíneas que se prolongam algumas vezes nuns milhares de metros.

Como cidade capital possui o Parlamento, onde as interpelações são permitidas nos trez idiomas oficiais: letão, alemão e russo; uma Universidade; um Conservatório; Escola de Belas-Artes; Museus, Teatros, e tudo quanto possa existir, e ser necessário, numa grande cidade.

Um canal partindo do «Daugava», depois de con-



A célebre casa dos «Cabeças Negras»

to de uma cidade alemã da Idade Média, vem novamente até ao rio alguns quilómetros mais abaixo, dividindo, Riga, em duas partes.

Dum lado ficam, como já dissémos, os bairros antigos e do outro, monumentos remotos e preciosos, como as igrejas de Mara, edificadas há oitocentos anos; de São Pedro e São Jacques; a casa da Sociedade dos «Cabeças Negras», em estilo holandês da Renascença; a «Torre da Polvora» e o «Castelo» construído nos fins do século XVI por Plettenberg, actualmente residência do Presidente da República.

Riga também possui uma praia, uma praia chique e grandemente frequentada, uma toalha imensa de areia branca e fina onde os banhistas que a ela afluem respiram um ar puro, impregnado de eflúvios marinhos, onde lindas mulheres se espreguizam ao sol depois de se terem deixado acariciar ternamente pelas sedutoras ondas do Mar.

Torres de Carvalho.



Uma rua do bairro antigo

JARDIM da Europa à beira-mar plantado», chamou um poeta a Portugal, visto pelo prisma luminoso da sua beleza pitoresca. Na verdade, a nossa terra, debruçada sobre o oceano e como que adormecida pelo rumôr das ondas, é um lindo canteiro florido, acobertado de rubis e esmeraldas, onde o Sol espargue o seu brilho, pondo em cada pedraria facetas luminosas de intenso fulgor e brilho.

Cada terra de Portugal é um canteiro. As terras, ligadas pelas estradas, e regadas pelos ribeirinhos de terna poesia e doçura, formam, em conjunto, o Jardim a que o poeta se refere.

Castelo de Vide, cujo passado honra sobremaneira a terra luzitana, é um formoso ninho aromatisado pelo balsamo das flores dos seus jardins e dos seus campos, sempre engalanados como a aldeia em dias festivos.

Porém, o valor intrínseco desta bela estância, que é já hoje uma das mais belas de repouso e de vilegiatura, reside na preciosidade das suas águas minerais e medicinais, recomendadas pela medicina especializada.

Mas, se a isto juntarmos a pureza dos seus ares e o esplendor das suas campinas, abeberadas de verdura matizada, chegaremos à conclusão de que D. Pedro V tinha razão quando, numa frase feliz, lhe chamou a «Sintra do Alentejo».

A água, em Castelo de Vide, brota espontânea com uma exuberância maravilhosa que causa pasmo e admiração. As suas fontes, às dezenas, são típicas e muito curiosas, tendo a vila como reposteiro verdejante, a magestade da Serra de Nossa Senhora da Penha, onde assenta, com o mesmo nome, uma ermida alvinente a espreitar a beleza da região.

A paisagem dos arrabaldes de Castelo de Vide oferece quadros sublimes duma originalidade única, e característica como os serranias do Minho.

O castelo, velha torre de Atalaia, cujas paredes patinadas pela acção do tempo evocam um passado histórico distante, é um ponto soberbo onde o horizonte visual alcança uma extensão incomensurável. De lá consegue vê-se a alvura da neve nas vertentes da Estrêla, e a planície Espanhola a sumir-se para o centro da nação vizinha. Nenhum detalhe se perde e se confunde na vastidão da paisagem e no serpenteado da montanha.

Sem ordem, mas com acertado capricho pitoresco, vão seguindo prados e pinhais, que caminhos estreitos circundam, desde o vale florido até aos picos graníticos, quais silhuetas recortando o horizonte.

Aqui e acolá casinhas pobres de cam-

TERRAS PORTUGUESAS

CASTELO DE VIDE

a «Sintra do Alentejo»

poneses, salpicando de pontos brancos, a encosta; casinhas duma característica muito própria, mas nimbadas de clareza e luz, que é um símbolo dessa pureza de alma dos que no convívio com a terra, a ela dedicam toda a sua actividade numa finalidade de bem colectivo.

Nesta terra nasceram homens ilustres que se immortalizaram, quer em guerras contra Castela, quer nas letras e nas ciências.

Ali nasceu Gonçalo Annes d'Abreu, ousado cavaleiro de Nun'Alvares, que em Aljubarrota venceu a sua valentia contra os Castelhanos. Figura bélica do tempo do Mestre de Avis, pertencia à célebre Ala dos Namorados.

Nesta vila nasceu também o famoso médico de D. João V, Francisco Morato Roma, que deixou a medicina iluminada com as luzes do seu vasto talento. Sucessivamente houve um filho desta terra, o Padre Simão Camões, que escreveu um

da província, honrando também a nação a que pertence este velho burgo do alentejo.

Quanto à origem desta vila, diz-se que é uma das mais antigas povoações do Alentejo pois que já existia antes dos romanos.

O seu nome primitivo, segundo nos refere Pinho Leal no seu «PORTUGAL ANTIGO E MODERNO», era VILA DE VIDE ou ainda VILA DIVIDE, o primeiro nome originado numa vide existente no local onde se fundou o castelo, e o segundo, afirma-se ainda, por esta vila estar próxima da divisão de Portugal e Castela. Como estabelecimentos de Assistência possui um hospital que no reinado de D. Manuel, instituiu Miguel Contreiras. Ainda na parte mais meridional da vila se ergue o magestoso edifício que foi dos frades recolêtos.

É hoje o asilo de Nossa Senhora da Esperança, primeira instituição piedosa que em Portugal se destinou exclusivamente a recolher cegos de ambos os sexos.

Foi o bacharel João Diogo Juzarte de Sequeira Sameiro, glorioso bemfeitor, o fundador desta instituição, sem o auxílio de quem quer que fosse. Ainda de fundação mais recente possui o Asilo Almeida Sarzedas, para órfãs, e o dos Inválidos. A caridade nesta terra que como se observa está bastante difundida, é a consequência lógica da bondade deste povo.

Nos novos de hoje, existe ali um escol de homens pensantes, que muito poderão guindá-la à situação que merece. Quer amando-a com fervor, quer dedicando-lhe o melhor do seu talento e do seu bairrismo.

Entre muitos outros, João Gordo, Alexandre Cordeiro, António Vicente Raposo Repenicaço, Manuel Rôlo da Gama Lobo Salema, Mateus da Cruz Maniês, dr. Possi-

dónio Laranjo Coelho, dr. António Pereira Flores, dr. José Casal Ribeiro, dr. José Manuel da Costa, Manuel Marcos Canário, José Carlos Simões Mourão e José Cristóvam da Costa que muito têm contribuído para o bom nome desta linda vila alentejana.

Castelo de Vide é pois, uma ridente e formosa terra, que o alentejo aformoseia com o perfume dos seus campos e o bucolismo dos seus prados, formando assim um jardim florido que deixa em cada visitante uma recordação saúdosa de voltar, um desejo de fixar de novo na retina o encantamento de tanta coisa linda que a embelesa. Terra onde o sol é claro, o horizonte azul, e o ar duma pureza que incensa de bondade o bom povo deste burgo alentejano, para que todos que por ali passam, tragam uma saúde e um desejo: Voltar de novo a Castelo de Vide.

Eu te saúdo, pois, «Sintra do Alentejo».

C. Moreira Ferrer.



Vista geral de Castelo de Vide

poema em cinco cantos com o título de «Vida de S. Paulo».

Nasceu também em Castelo de Vide, José Xavier Mousinho da Silveira, que foi um dos maiores estadistas da época de D. João VI.

Ainda esta vila se honra com dois filhos conhecidos e laureados. O sr. dr. José António Serrano, que foi distintíssimo lente da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, e o sr. dr. José Frederico Laranjo. Este último, muito novo manifestou o seu génio activo e o seu espírito superior.

Como poeta publicou um livro de versos «Éstro Nortuno», que o denunciou como um autor dum estofo literário promissor. Como político, escreveu: «Princípios de Economia Política», e as «Sociedades Cooperativas». Foi lente da Universidade e durante quasi 20 anos representou em Côrtes sollicitamente e elevadamente a sua terra natal.

São homens como estes que emolduram a pleiade brilhantíssima deste recanto



O SONHO DOS JARDINS

Brancaflôr eram nos seus castelos ameia- dos, como fadas de Amôr, o mito das lendas cavalheiras decorreu nas flores- tas, em que continuou pairando o encanto mago dos jardins sobre as colunatas dos altos troncos e entre o misterioso encanto da folhagem. É que, ao tempo, quando a bela estação cliegava às cidades fortifi- cadas, apenas a pálpebra das nuvens se entreabria no imenso iris límpido do céu. Esses velhos burgos guerreiros, não viam brotar o mais belo da criação divina em cada ano. Os jardins eram, quando muito privilégio das moradas régias e nobres, que assim privavam na cidade, o disfrute da anual quadra florida. Até que os municí- pios o outorgaram a todo o povo cita- dino, criando os jardins públicos, com êles concorrendo para os modernos di-



NÃO se sabe quando nem onde nas- ceu o ideal dos jardins. São muito anteriores á nossa civilização, e fôram uma aspiração do espírito oriental. Os mais antigos poetas hindús e chinas, de muitos séculos antes de Cristo, falam- nos dêles com o enlêvo subtil das suas liras estranhas. Mais modernamente, no sé- culo XVIII da nossa éra, o poeta e impe- rador da China, Quian-Lung, escreveu sob o título: "O jardim que o outono não esfolha", esta poesia, breve como um madrigal e simples como uma jóia; que ofereceu á mais bela das suas amadas:

*Ah, aquelas flôres de jade
No seu pequeno escriptorio...
Que os vossos pensamentos sejam
Assim como essas flôres
Indestrutíveis e bem alinhadas.*

Os maravilhosos jardins suspensos de Semirâmis enumeraram nas oito mar- ravilhas do que foi para nós o mundo-antigo. A semi-lendária rainha da As- síria, que destroçou todos os monarcas que lhe fa- ziam sombra, mandou ele- var alto como o mais belo pensamento da Terra, os seus maravilhosos jardins, onde a água jorrava de po- derosos sifões, e onde ela colhia, para as vêr murchar as mais lindas flôres, como entre o seu exército os mais belos môços, que, depois, matava.

Sôbre o texto poético dos jardins ter- renos, exemplificaram as religiões a deli- ciosa dos paraísos celêstes e do que foi para o cristianismo o éden terreal, donde fôram expulsos nossos primeiros pais, por pecarem originalmente. E assim, desde os céus hindús e dos olimpos pagãos, até áquele onde só a alma disfruta, e ao do Alcorão, em que as hurís bailam entre grinaldas de flôres e o incenso dos arômas.

Na Idade-Média, quando Briolanja e

reitos do homem. E não se cuida que isto data de há muito. Ainda isso não pre- ocupou Pombal, ao reedificar segundo o melhor traçado urbano da época, a cidade que, em todo o tempo exprimira a sua veneração pelas flôres, com as clássicas floreiras que ornamentavam a frente das suas primitivas habitações. Eram estas, prédios de pouca luz, mas sempre de al- gumas flôres. As nossas raparigas que, com as suas mãos ainda ociosas de carí- cias, regam os pequeninos canteiros da janela, têm remotas ancestrais na familie.

Hoje, é por progresso estético, que a actual urbanisação rasga êsses espaços de luz e encanto, para que, na época em que o asfalto vai empedernindo o piso estéril das cidades, a primavera possa nelas encontrar espaço para recamar de verdura o seu ninho e aí ter as suas ninhadas de corolas. E assim, enquanto muitos cora- ções humanos se perdem pelos asfaltos, virão preenchê-los na primavera, alguns corações de flôr.

Mas os jardins não são apenas, nas ci- dades, os vireiros da primavera. O seu

maior encanto está, para assim dizer — no idealismo do seu clima, na acolhe- dora unção do seu recolhimento vegetal, e no segredo das suas hastes, em que o nosso espírito pressente ninhos de dis- crédita amenidade para os pensamentos mais doces. É que a nossa sensibilidade se transporta desse clima para o dos de- vaneios líricos; encontra nesse aprasível acolhimento o das zonas virgens da Terra onde ainda a Dôr não nasceu; e no âm- bito das ramagens o hábito dos seres amorosos da nossa poesia, dos génios delicados da nossa infân- cia, que moram no país dos principes encantados.

Ainda no-los recordam as estátuas, que por lá vi- vem — entes de pedra, que para sempre guardam in- tacta a graça com que os teve o noivado do Artista com a fada Inspiração. E os lagos reflectem, reprodu- zem fielmente todo esse maravilhoso, como espe- lhos postos ali por Deus, para que nêles se toucasse a quimera dos jardins.

Donde vieram, onde nas- cem os cisnes — aves de so- nho da paragem das águas adormecidas? Como são concebidas as borboletas — pétalas aladas? e não se geraram em horas de que- branto, do idílio do folhedo

com a sedução das corolas... Ah, porque não deixam crescer as crianças entre as flores?

Jardins — refúgios inefáveis, onde entre madrigais de canteiro, a nossa alma se esquece do mundo, a namorar o pen- samento branco de uma estátua!

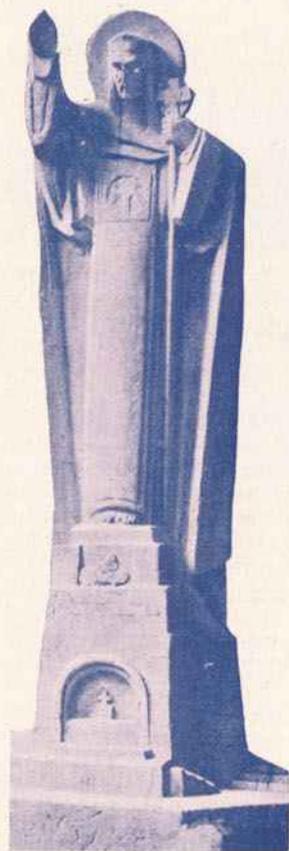
Aleas de palmeiras, por que vamos seduzidos, enlevados, sem nunca che- gar ao palácio do nosso Encanta- mento!

(Fotos de Albano Ribeiro)

Aleixo Ribeiro.



Uma estatua de Cristo



Nos Alpes, nas margens do Arve vai ser construído um monumento monstro que representa a figura de Cristo. Será executada pelo arquiteto Serraz. Terá 20 metros de altura, 8^m, 50 de largura e a base terá 10^m de altura, onde será instalada uma capela. A iniciativa da construção pertence a monsenhor Decassiat, prior em Houches.

Bombeiros londrinos



Os bombeiros de Londres — dos melhores da Europa — iniciaram ultimamente exercícios com manequins. Esses exercícios teem dado optimos resultados. Dessa maneira, aprendem mais facilmente a transportar um corpo humano, durante um incendio.

PELO MUNDO FÓRA

Portugal no estrangeiro



ASSISTENCIA ao banquete dado em honra do embaixador de França e de sua esposa, na legação de Portugal em Varsovia, pelo nosso ministro sr. Tomás Ribeiro de Melo. Entre ela, figuram os principais membros do corpo diplomatico acreditado naquela cidade.

Um braço arrancado por um omnibus



No Rio de Janeiro, um passageiro dum omnibus deitou um braço de fóra no momento em que passava um outro omnibus em sentido contrário. Cortou-lhe o braço cerce. O jornal «A Noite» daquela cidade, lembrou-se de mandar lêr as linhas da palma da mão do braço decepado. Um «chiro-mante» notou a existência de linhas que prediziam desastres e tragédias.

A colhida de Manolo Bienvenida



FLAGRANTE fotografia da grave colhida que sofreu na praça de Madrid, o espada Manolo Bienvenida, ao dar um «passe» de joelhos. Este touro colheu ainda os espadas Ortega e «Maravillas», que havia tomado a alternativa. Villalta — o quarto espada da tarde — teve de estoquear 7 touros.

Artistas em miniatura



O conhecido artista do cinema Bily Barty rege os dois violinos tocados por Donnie Borrison e Jacqueline Berry. São futuros astros cinematograficos.

Belezas da Europa



Tuno se prepara em Madrid para receber as rainhas de beleza dos paizes europeus. A Italia elegeu já a sua «Miss 1933»: Giovanna Cesco, de 21 anos, e a Russia envia ao concurso Tatiara Masloff, de 19 anos, filha dum funcionario soviético.

Politica espanhola



O chefe do Estado espanhol esteve de visita na cidade de Bilbao, onde lhe foi feita uma entusiastica recepção. Houve cortejo civico e sessões solenes, tendo o sr. Alcalá Zamora recebido grandes provas de carinho e de simpatia da população.

Um casamento



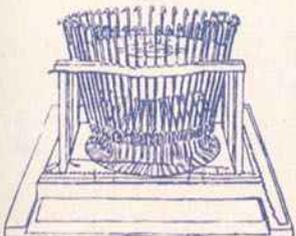
Foi anunciado oficialmente o casamento de Guilherme de Hohenzollern, filho mais velho do Kronprinz, com a sr.^a D. Dorothea von Salviatti, filha duma modesta família alemã. A família do príncipe opoz-se terminante ao enlace. No entanto, ele deve efectuar-se ainda este ano.

Em Londres



A actriz parisiense Ivonne Vallée, a ex-mulher do artista cinematográfico Maurice Chevallier — encontra-se em Londres, onde está trabalhando num grande teatro. A gravura mostra-nos a graciosa «vedette» pedindo uma informação a um polícia de «Piccadilly streets».

A máquina de escrever



Fiz agora com anos de existência a máquina de escrever. A primeira construída — em maio de 1833 — foi inventada pelo engenheiro francês Pugin. O esquema é o reproduzido acima. No entanto, em 1714, um engenheiro inglês, de nome Mills, obteve também patente para um projecto.

PELO MUNDO FÓRA

Como se faz réclame na Alemanha



NUM «music-hall» de Berlim está-se exibindo um «jazz» feminino, conhecido pelo «Jazz-branco». O réclame é feito pelo próprio agrupamento musical que percorre, de vez em quando, as ruas de Berlim, tocando animadamente, como se vê na gravura que acima inserimos.

Um formidável incêndio em Londres



UMA grande parte das docas do Tamisa foi destruída por um enorme incêndio. O fogo começou pela inflamação de seiscentos mil hectolitros de rhum. Armazens e armazens foram pasto das chamas. Para se avaliar a grandesa do incêndio basta dizer que o fogo foi atacado por duzentos e cinco carros de bombeiros, tendo trabalhado cerca de oitocentas mangueiras. Arderam também nove navios, de grandes dimensões que estavam encostados aos cais.

O dia do 44.º aniversário de Hitler



Um bolo monstro foi fabricado em Berlim por ocasião do 44.º aniversário do chanceler Hitler. Representava a simbólica cruz dos «nazzis» e pesava mais de cinquenta quilos. Foi oferecido por uma comissão de senhoras «nazzis» que pessoalmente foi fazer dele entrega ao homem que hoje preside aos destinos da Alemanha.

Como os alemães se veem



— CANALHAS! NÃO PISEM A SOMBRA «DELE» . . .



— ESTÁS A ESPERA DOUTRO BÉBÉ?
— O QUE QUER A SENHORA! HÁ DOIS ANOS QUE O GUILHERME ESTÁ DESEMPREGADO . . .



— AH! SE NÃO USASSES OCULOS MUITO PARECIDA ERAS COM A MARLÈNE DIETRICH . . .



— PRECIAMOS DUMA UNIVERSIDADE SEM JUDEUS E SEM COMUNISTAS . . .
— E DEPOIS, COM QUEM NOS HAVIAMOS DE «BATER»? . . .



à pesca

Trechos duma carta que um caipira sertanejo escreveu ao compadre:

“Cumpare:

Premêro qui tudo as obrigação. Não á óra e nem minuto qui a gente se esqueça de se alembra de ocê,

A sinhá Angerca tem duas carta pra ocê, mas cumo prá sumana ela vai ali, pra mais agarantia vai lhe intregá pesoarmente.

Aqui tá tudo em paz, só a sumana passada é qui óve um tiroteio, óve quatro firido e um qui não escapô. O buato qui corre é qui a victima foi a curpada, mas a puliça tá trabaiaando pra discobri; só o Delegado ja prendeu cinco qui não tinha nada qui vê cum a coisa. Vi dizê qui vão disinterrá o cadave pra vê a bala onde pegô.

Aqui em casa bateu a influencia; pasamo mais duma sumana, uns de cama outros deitado; felizmente agora só farta a gente ficá bom.

E' tudo isso qui tenho pra lhe dizê, o resto vai na ôtra.

Cumpare, ocê deve fazê arguns negoce aqui; aqui tem muitas lójas qui todos os meiz fais liquidação annuá; tem mercaduria qui não presta pra nada, mais tamem tem ôtas muito ordinara.

Do cumpare

Zé Bótoca,

O marçano da mercearia tinha combinado encontrar-se com a namorada às 7 horas, mas quando ia para fechar a loja o patrão mandou-o pesar 500 kilos de açúcar em pacotes de 250 gramas. Quando acabou e foi à procura da namorada, já

não a encontrou e morreu de desgosto, isto é: morreu de tanto pesar...

No barbeiro:

— Está bem, assim, o cabelo?
— Se me faz favor um bocadinho mais comprido dos lados.

— Mamã, é verdade que eu descendo do macaco?

— Para te falar com franqueza, não conheci a família de teu pai.

— Desde que estás casado, ao menos, já não andas rôto.

— É que a minha mulher ensinou-me a coser.

— E as águas fizeram-te bem?

— Muito bem. Agora sou outro homem.

— É caso para felicitar a tua mulher.

No restaurant:

— Rapaz, traze-me meia dóse de êrros de ortografia.

— Não temos êsse prato.

— Então, porque é que o pôem na lista?

D. Genoveva, falando com o seu falecido esposo, por intermédio da mesa de pé de galo:

— És feliz, Bernardino?

— Sou muito feliz, Genoveva.

— Mais feliz do que quando estavas vivo, na minha companhia?

— Muito mais feliz.

— Então estás no céu?

— Não, filha, estou no inferno.

Num colégio:

O professor — Imagine que seu pai vai de Lisboa para Cascais, andando quatro quilómetros por hora e que seu tio sai uma hora depois, mas anda 5 quilómetros por hora. Onde se encontram?

O aluno — Na primeira taberna da estrada.

Um cicerone andou mostrando a uma inglesa muito feia o mosteiro dos Jerónimos.

— Agora vou levá-la ao altar.

— Quê! Quere casar comigo?

— As mulheres são mais bonitas do que os homens.

— Naturalmente.

— Naturalmente, não, artificialmente...

— Eu sou um crítico que desfiz muitas reputações literárias.

— Pois é pena que não tivesse ficado com alguma...

Um incorrigível jogador, à hora da morte, ouve o médico dizer ao amigo:

— Está irremediavelmente perdido. Não dura duas horas.

— Aposto cem mil réis em como duro três, diz o enfermo, do leito.

— Queres que te apresente a minha mulher?

— Não. Conheço a minha... e basta.

Regressava o célebre espada «Gorete», de tomar parte numa corrida de Salamanca, quando encontrou um amigo que lhe perguntou:

— Então, que tal?

— Muito bem, respondeu «Gorete».

— E os toiros?

— Eram de Miura.

— Bem sei, mas como saíram?

— Como sempre: uns depois dos outros.

No tribunal:

— Como se chama?

— José Francisco Sargêdas.

— Onde nasceu?

— Não me lembro. Eu nêsse tempo era muito pequenino...

O pescador — Lino Ferreira.

VIDA FEMININA

UMA poetisa de espírito gentil e alma bela, coração de mão extremoso, desejando para todas as crianças o bem estar, que para os seus quer, lançou a ideia de se fazerem parques infantis, em que as crianças num jardim se e bem seu, brincassem, e, tendo uma casa junto, com mesas, com papel e lápis, para fazerem desenhos, greda para moldar, se entretivessem sendo-lhes dada uma merenda. Senhoras iriam vigiá-las e assim passariam as tardes, as crianças de todas as classes num fraternal convívio. É linda a ideia, deve ser aproveitada, mas porque é que se não liga a uma obra já feita e que sendo ajudada mais se pode desenvolver?

É mais fácil desenvolver o que já está feito do que criar coisas novas. Essa obra de dois poetas é o Jardim Escola João de Deus. Concebida por um dos nossos maiores poetas e dos maiores amigos das crianças, a obra foi posta em prática por seu filho o dr. João de Deus Ramos, também poeta e que às crianças tem dedicado o melhor do seu esforço. O que é essa linda obra é fácil verificar visitando o Jardim-Escola, vizinho do Jardim da Estrela. Num dos mais saudáveis bairros de Lisboa, ergue-se a casa alegre, arejada e acolhedora, no meio do jardim e do espaço reservado aos jogos infantis. Raparigas novas e bonitas acolhem as crianças com o seu sorriso belo e saudável. Crianças de todas as classes passam o seu dia brincando, desenhando, moldando, os maiores aprendem a lêr pelo método lão simples, que a alma bela de João de Deus inventou, para facilitar aos pequeninos que êle tanto amava, a aprendizagem, essa primeira aprendizagem, que é o início dos trabalhos desta vida. E-lhes dada uma succulenta refeição pela manhã, e, à tarde uma merenda. As crianças adoram a escola e a alegria com que para ali vão demonstra bem o que para êles representa, de felicidade, a sua estada ali. Há um número limitado de

crianças que nada pagam e as outras pagam apenas um escudo por dia. Porque não se associa a illustre poetisa a esta obra fazendo com que ela tome o desenvolvimento, que deve ter e se criem, mais Jardins-Escolas nos outros bairros da cidade? Na Estrela é preciso esperar vaga, tal é a afluência de crianças. Em Coimbra, Alcobaca e na Figueira da Foz, onde também há escolas, têm elas tido o maior sucesso. O que se iria fazer com uma obra nova, seria muito mais interessante que se fizesse com o que já existe. Dava com certeza muito melhor resultado e seria uma obra muito mais completa. Há entre nós o mau hábito de dispersar boa vontade e esforços esquecendo o antigo ditado "A união faz a força". Se todos congregassem o seu esforço para fazer uma obra completa, seria esta muito melhor e mais interessante, daria um mais completo resultado. As ideias belas e a vontade de trabalhar devem sempre ser aproveitadas e entre Parque Infantil e Jardim-Escola, eu não vejo diferença, vejo apenas que uma obra principada se poderia continuar a desenvolver, espalhar, aumentar, e que em seguida ao Jardim Escola que é apenas para as crianças até aos nove anos, se poderiam fazer escolas primárias com parques anexos em que as crianças pudessem fazer desporto e ter a



vida higiênica que a infância exige. Para quê criar pequenas obras separadas, que fatalmente acabam por se estiolar? Não é muito melhor juntarem-se todos e todos trabalharem num mesmo esforço, com um mesmo fim, o engrandecimento do país, pela felicidade infantil? A poetisa viu bem, as crianças devem conviver umas com as outras, sem distinção de classe. Esse é o verdadeiro socialismo, o socialismo cristão e o socialismo político. E que nessa sua linda visão, juntando-se à obra iniciada, se faça em conjunto qualquer coisa de grande e de belo, para a infância portuguesa, futuro da raça e promessa do engrandecimento de Portugal.

Maria de Eça.

A moda

TRIUNFA na moda da primavera, o tecido de lã. As lãs que tantos anos foram notadas ao ostracismo, desde a primavera passada que começaram o seu triunfal reaparecimento, e, na verdade nada mais prático para o uso de todos os dias, do que um simples vestido de lã. Damos hoje um lindo modelo de «robe Manteau» em lã grossa castanha. De uma enorme simplicidade, a sua novidade, são as mangas tufadas e de um moderníssimo corte, que dão o aspeto da maior actualidade a este lindo conjunto. O chapéu ge-

nero «Chechia» turca é também tudo o que há de mais elegante como novidade. Não é no entanto aconselhável a todas as senhoras, porque nem a todas favorece.

O outro conjunto em lã, é muito elegante e muito prático. Em lã «granitée beige» é de um corte muito gracioso. O «empiécement» da saia bastante alto, forma uns preciosos bicos, nos quaes entram umas prégas muito marcadas. A guarnição desta «toilette», são os botões em bolas metálicas. O cinto tem uma graciosa fiavela também em bolas de metal. O casaco é da maior simplicidade e conforto nas tardes ventosas. O gracioso chapelinho em «crochet», lembra as «toques» de doutoramento de Oxford. É uma «toilette» prática e muito cómoda também em viagem, podendo servir para desporto. Os vestidos de noite sempre indispensáveis continuam com a mesma linha. Damos hoje dois modelos, ambos bonitos e graciosos na sua simplicidade. Em «Georgette» azul claro, um deles é guarnecido por duas tiras em bordado «palilète», de todos os tons de azul, do mais claro ao mais escuro. É um vestido que resgata o pesado do bordado pela simplicidade da linha. O outro em seda «imprimée» tem um moderníssimo corte que favorece altamente um corpo juvenil e esbeto. As mangas em folho, em tórna, dão amplidão aos hombros, contrastando com o esguio da «silhonette». Qualquer destas «toilettes» são graciosas mente simples e aliam ao modernismo a graça e o bom gosto. São práticas o que é sempre para atender, prestando-se ao arranjo de qualquer vestido, que precise de ser modernizado, o que as senhoras económicas e que gostam de aproveitar, apreciam sempre.

A criança

UMA das coisas que mais influência têm para que a criança seja alegre é o ambiente em que é criada. Uma criança rodeada de gente alegre e vivendo numa casa alegremente cheia de luz, é forçosamente alegre. E nada há melhor na vida do que um caracter alegre, que não só inspira simpatia o que muito ajuda a vencer dificuldades, como dá também uma especial filosofia para suportar os revezes da vida. Para que as crianças sejam alegres, não devemos de forma alguma sombream-lhes a existência com as contrariedades, que continuamente nos assediam e devemos mobilar-lhes o quarto que lhes é reservado com móveis graciosos, em cor clara, forrando as paredes em cor de rosa ou azul claro, duas cores que têm uma boa influência no caracter das crianças.

Um salão literário

UMA placa colocada numa casa da rua Saint-Honoré, para recordar aos parisienses Madame Geoffrin, fez ir muita gente ao célebre palácio que foi um centro literário no século XVIII. Na grande sala que ocupava grande parte do primeiro andar, havia então tapeçarias de Beauvais, espelhos, quadros. Sobre uma mesa um busto de Racine. Sobre um fogão um relógio de Guyard. Madame Geoffrin que era viúva de um milionário, administrador duma grande manufatura de espelhos, animava os artistas e pagava muito bem as suas obras. Á segunda-feira rece-

bria os artistas, à quarta-feira os literatos. Uma noite que o célebre pintor Grenze lhe fazia observações, a propósito desta divisão, Madame Geoffrin disse-lhe «Não se trata duma muralha da China. Se gosta da companhia dos literatos venho também à quarta-feira. Falar-se há também de arte. Sômente a política é excluída do meu salão». Uma noite que Montesquieu lhe perguntava qual era a atração do seu salão para ser o mais freqüentado dos salões parisienses, respondeu: «Primeiro o mérito das minhas poltronas, dizem que se está ali tão bem, que dá vontade de nunca mais se levantar e depois os meus jantares nos quais procuro contentar o gosto de todos». Tendo uma cultura eclética sabia dirigir qualquer conversa. Os autores e os artistas consultavam-na para as suas obras. Ela tinha arranjado a inimizade de Montesquieu pelo seguinte facto: Quando êle fez imprimir em Genebra o seu «Espírito das leis» mandou-lhe um exemplar. Ela respondeu-lhe, que o seu livro era uma obra-prima de espirito. Êle regosijou-se com a filha de Madame Geoffrin, por esta opinião e, esta ingenuamente informou-o que sua mãe ainda não tinha lido o livro. Voltaire chamava-lhe a «Nova rainha de Sabá», resentida com a alcunha ela dizia que os seus trabalhos tinham beleza mas que lhes faltava o senso comum. Diziam as más línguas, que ela nunca convidava senhoras para os seus serôes. Dizendo-lhe alguém isso, respondeu com o seu costumado espirito: «É falsa essa afirmação, até sou de opinião, como Madame Necker, que elas conseguem muito bem encher o intervalo das conversas. Como o suave algodão em rama, que se introduz nas caixas de porcelana para evitar os choques. Naturalmente por isso nunca as excluí do meu salão». Durante trinta anos ela recebeu com afabilidade e com brío. Madame Geoffrin teve também invulgar mérito de saber envelhecer. Aos sessenta anos vestia com a máxima simplicidade, sem enfeites, sem joias, sem «maquillage» e desprezando os caprichos da moda. Até nisso ela demonstrou como era grande a sua inteligência. É uma pena que os «dancings» tenham substituído os salões literários e que hoje se preocupem mais com a «Rumba» do que com as produções literárias e artísticas.

O artifício

O mundo em todos os tempos deu pouco mais ou menos, o espectáculo de querer corrigir a natureza com o artifício. Isto desde a idade da pedra. Os antigos egípcios pintavam

a barba, os cabelos, sobrancelhas, palpebras e unhas, e cobriam as barbas de pó dourado. Êste uso foi apreciado por alguns romanos, que o adoptaram entre êles, o imperador Heliogabalo. As quatrocentas raparigas que costumavam acompanhar o rei Salomão nas cerimónias públicas, tinham obrigação de dourar as cabeleiras. Se é verdade o que Marziale diz nalguns dos seus epigramas, parece que alguns romanos calvos, pintavam o crâneo para ao menos, de longe, dar a impressão de que tinham uma boa cabeleira. A crença de que o loiro dê à mulher um encanto especial, induziu as morenas romanas a usar pinturas e descolorantes. Como na Veneza dos séculos xv e xvi também na antiga Roma havia a tendência para o loiro ardente, quási ruivo. No reinado de Isabel de Inglaterra, que era loira, todas as inglesas, queriam ser loiras. No tempo de Henrique IV de França, a mania das pinturas atingiu o excesso. Viam-se homens de cabelos pretos e barbas loiras, e, mais tarde cabeleiras vermelhas, verdes e violeta. Em seguida os olhos repousaram, em cabeleiras brancas. Os selvagens usam também abundantes pinturas e alguns até se deformam para atemorizar os inimigos. O profeta Isaías fala de alfinetes com os quais as mulheres punham negro nas palpebras. Job chama «vaso de cosmeticos» a uma das suas filhas, que se pintava sem parcimonia. As pálidas atenienses avivam as suas faces com o «vermelho do amor».

E temos de fechar a história das pinturas, a qual se mantém sempre viva e não acabará certamente nunca. É o amor quem a isto obriga sempre, o amor de se iludir e de agradar mais. Sômente os selvagens têm a sabedoria de o fazer para um fim de defeza. As civilizadas fazem-no por vaidade, que é no fundo o máximo da ingenuidade.

O amor

A «Revue Hebdomadaire» publica um artigozinho cujo tema é: o amor. O amor, diz Miguel Angelo, é a aza que Deus deu aos homens para chegar até êle, é a ratoeira que a natureza estendeu, para propagar a especie, é uma gota celeste que a providência deitou na taça da vida para lhe corrigir a amargura. Antenor cre-o um vício da natureza. Uma rapariga americana: uma maneira de passar o tempo agradavelmente. Euripides: a coisa mais doce e mais dolorosa. Balzac: uma loucura tão grande, que para a fazer é preciso ser dois. E, com o amor é a mulher exaltada. Ama a tua companheira — disse Pascal — que abençoa a casa como a primavera, abençoa os ninhos das

andorinhas, todos os homens a têm no coração. Se h u m a n a de das melodias traduzia a beleza da sua mulher, a quem chamava, o seu anjo bom. Bjornson no banquete das bodas de ouro, brindando à esposa confessou: sem ti nunca teria sido o que sou. Victor Hugo fez presente a sua mulher, do seu retrato com a seguinte dedicatória: «A morte. Cincoenta anos de amor, é o mais belo dos casamentos». Mulher ideal foi a do grande poeta inglês Robert Browning, a poetisa Elisabeth Barret. Ela fez ao marido, sonetos admiráveis: «A primeira vez que êle me beijou, beijou sômente os dedos desta mão, com que escrevo, e, então ela tornou-se mais branca mais pura, lenta aos cumprimentos mundanos, pronta a fazer sinal de silêncio quando os anjos lhe falam. O segundo beijo ultrapassou em beleza o primeiro e procurou a frente e meio a focou e meio caiu sobre os cabelos. Alta recompensa. Foi a crisma, que com sacrificante doçura procedeu a corôa de amor. O terceiro desceu aos meus lábios com perfeito ardor. Então tornei-me orgulhosa e disse: «Meu amor, verdadeiramente meu.» Stuart Mill quando perdeu a esposa que adorava e de quem só pela morte se separou, disse: «perdi esta mulher eleita, fiquei privado da luz que alumia todas as minhas idéas». Êste amor ideal vai-se tornando raro, tão raro que é difícil encontrá-lo.



Diferença de épocas

NEM sempre se amou a água como agora. Os banhos, os duches, as lições de nataçáo, as estadas à beira-mar, são novidades introduzidas na nossa vida, durante o século passado. Nunca se banharam as creanças como agora. Na antiguidade, havia um gosto tão desenvolvido como o nosso pela hygiene, e, que os banhos eram um hábito da gente de então, provam-no as grandes termas da Roma imperial.

No decurso da história, êste gosto não se renova e desaparece. Diz-se que Luís XIV em tôda a sua vida tomou um banho, e, por ordem médica.

Há ainda na Malmaison um delicioso serviço de *toilette* da Imperatriz Josefina. A bacia em que fazia as suas abluções, parece uma tigela para tomar chocolate e o conjunto é dum serviço de bonecas. Nem se podem imaginar as hesitações das nossas avós, quando Trouville começou a surgir e foi moda banhar-se naquela praia. Os

primeiros fatos de banho eram assombrosos. Verdadeiros sacos de casteleta azul escura, com galões vermelhos ou brancos, calças até aos pés e vestidos de cauda, abotoados até ao pescoço.

As ninfas e os tritões modernos abandonaram todos os tecidos incomodativos, que lhes eram impostos pelo pudor, e, os fatos de banho atuais atinjaram uma simplicidade só ultrapassada por Adão e Eva.

Uma exposição

UMA exposição que se fez há pouco em Nova-York, de inventos femininos, revelou a grande actividade e excepcional rendimento, que debaixo d'este ponto de vista tem a mulher americana. O número de patentes concedidas aos achados femininos, sobe a mais de 15.000 e todos os anos se nota um sensível aumento. Estas invenções não se limitam exclusivamente ao campo doméstico, mas estendem-se aos meios de transporte, aos engenhos industriais, às máquinas agrícolas, etc. Particularmente úteis são as invenções femininas aplicadas aos caminhos de ferro e tendentes a aumentar a comodidade e a segurança dos comboios. Também no campo do automobilismo a actividade feminina é admirável. Mas não nos devemos surpreender de que assim seja, de momento, que ali, a mulher, tem abertos diante de si tódas as carreiras. E há numerosas raparigas matriculadas nos cursos de engenharia.

De mulher para mulher

Rosa vermelha: Vão usar-se muito os tecidos de algodão, que já o ano passado tiveram grande voga. Cores usam-se tódas. São muito bonitos os «crêpes de Chine» em fundo branco com riscas de côr, que ao confeccionar se dispõem de várias maneiras. Usam-se chapéus grandes e pequenos.

Josette: É um dos grandes escritores do século passado, Victor Hugo, uma das suas obras mais interessantes é «Les Misérables», «L'Homme qui rit» é também admirável assim como «Travailleurs de la mer». «Notre Dame de Paris», que como me diz, só por acaso lhe caiu nas mãos é muito bem feito. As horas que dedicar à sua leitura são muito bem aproveitadas.

Maria da Luz: As visitas de pêsames devem ser feitas dentro de oito dias. Devem vestir-se de preto as pessoas que as fazem. Não se convidam para chás, pessoas, que têm um luto recente. É uma incorrecção.

Higiene e beleza

NOTA-SE uma grande tendência para o uso dos cabelos mais compridos, vendo-se mesmo algumas senhoras com os cabelos enrolados e pregados. Para conseguir o crescimento sem enfraquecer muito o cabelo, o melhor sistema é o seguinte: Fazer uma ondulação permanente nas pontas dos cabelos de forma que estes não apresentem êsse aspecto de desmazêlo que é verdadeiramente desagradável à vista. Todos os quartos crescen-



tes da lua, despontar com uma tesoura, levemente os cabelos, o que favorece o seu crescimento fortificando-o. Parece ridícula esta prática, mas é de grande efficacia. Deve ajudar-se o cabelo pondo a seguinte loção: Resurcina 1 grama, Ácido tímico 0,10 de grama, Formol 0,10 de grama, Bálsamo do Perú 10 grammas. Álcool a 60º 100 grammas. O penteado deve ir-se adequando ao comprimento do cabelo e nada mais feio do que ver uma cabeleira flutuando até aos hombros.

A mulher turca

É extraordinário o avanço que tem tido na Turquia o feminismo. Dir-se-há que a mulher turca quer recuperar, a todo o transe, o tempo perdido na reclusão dos «harens». Mas o seu melhor auxiliar tem sido o incansável defensor dos seus direitos, Mustafá Kemal Pachá, que decidiu abrir à mulher as portas da carreira diplomática. Em breve, serão nomeadas, mediante regulares concursos, adidas às Embaixadas e Legações turcas, no estrangeiro. As novas diplomatas serão, porém, escolhidas, nos primeiros tempos, sòmente entre aquelas que tenham feito com successo as provas do concurso e que, além disso, sejam aparentadas com membros do corpo diplomático. É, na verdade, uma carreira onde uma mulher inteligente e interessante pode desempenhar um papel muito importante e mesmo útil para o seu país e onde lhe está reservado um grande successo, sobretudo se for bonita.

O leque

QUEM inventou o leque? É uma pergunta que há muito quem faça. Há quem assegure, que foi importado para a Europa, pelos árabes. Diz-se também que em França já era conhecido no tempo de Luís XIV, na Inglaterra no de Henrique VII e na Itália na metade do século XIV. Primitivamente os leques, circundavam a «seda» gestatória do turno pontífice e as várias irmandades seguiam na Catalunha as procissões com grandes leques de palha. Houve em todos os tempos leques célebres como o que foi delicadamente pintado, para M.^{me} de Pompadour, e o de Lucrecia Borgia que se dizia estar impregnado de veneno. Um dos leques, que Luís XV deu á Pompadour, foi vendido a um colecionador por 150.000 francos. Célebre o leque da rainha Teodolinda, que se encontra no tesouro da Basilica de S. João em Monga. Os juizes do tribunal revolucionário, que condenaram á morte Carlota Corday, tiveram uma prova evidente da sua culpa-



bilidade, no seu leque que foi encontrado na banheira de Marat. Na Suécia existe uma Ordem do Leque.

Receitas de cozinha

Crema de amêndoas: Pisam-se num almofariz de pedra uma libra de amêndoas escolhidas, juntando-se-lhe pouco a pouco, conforme se vão pisando três grandes chávenas de leite. Quando as amêndoas formam uma pasta, e estão bem misturadas com o leite, deitam-se num pano de algodão, de antemão molhado e muito bem escurrido. Aperta-se fortemente para que todo o líquido fique bem passado. Tornam a deitar-se as amêndoas no almofariz, e pisam-se de novo, juntando outra chávena de leite. Volta-se a coar pelo pano. Deita-se açúcar no leite em quantidade proporcionada, põe-se num lume vivo e meche-se bem o creme, até que tenha fervido três minutos. Depois de fervido fica um pouco espesso. Deita-se numa vasilha de porcelana que se põe perto do lume para conservar o calor, ou então põe-se na jeleira, para quem preferir que seja servido frio.

Mólho de tomate: Assam-se vários tomates, tira-se-lhes a pele e picam-se meídos com um pouco de alho, cominhos, orejãos, pimenta e sal, ligam-se com água quente e um pouco de vinagre.

Pensamentos

O hábito é uma das maiores forças da fraquesa. — VINET.

Os espíritos sensatos aspiram menos aos grandes praseres do que a ausência de sofrimentos a um estado de alguma maneira invulnerável. — SHOPENHAUER.

Para compreender os velhos não há como as crianças. — GOETHE.

Que coisas melhores pode o homem obter na vida, do que aquelas que a natureza lhe oferece. — GOETHE.

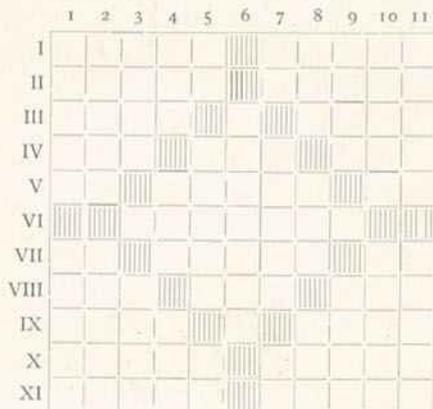
A livre critica é o direito de todos, que tenham feito qualquer coisa de útil. — SEHILLER.

Muitas vezes não compreendemos quanto a vida é forte, senão quando estamos no fim. — GOETHE.

Tudo o que a sã natureza nos dá vem de Deus. — SEHILLER.



PALAVRAS CRUZADAS



Horizontais:

I — Guia. — Colérico. — II Escol. — Desloquem. III — No fundo dos rios. — Ligeiro. IV — Sufixo que denota diminuição. — Letra do alfabeto. — Doçura. V — O povo português. — Interjeição. Nota de musica. VI — Mulher de Ovar. VII — Parte do navio. — Gordura. — Disinência verbal. VIII — Especie de avestruz. — Vazio. — Réze. IX — Banheira. — Grande lago da Asia Central. X — Ração diária. — Fio de ferro. XI — Desbotar. — Casa de familia nobre.

Verticais:

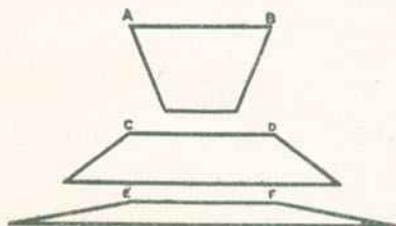
1 — Ditoso. — Deposito. 2 — Nome proprio feminino. — Exprima. 3 — Montão — Dura um ano. 4 — Sufixo que serve para depreciar. — Ovario de peixe. — Bolo de farinha de arroz. 5 — Artigo francés. — Tem asas. — Essencial á vida. 6 — Especie de cogumelo. 7 — Prefixo negativo. — Sorriba da terra dos ostreiras. — Artigo. 8 — Lista. — Letra do alfabeto. — Virola. 9 — Calibre grosso de navio — Da boca. 10 — Peixe. — Em má hora. 11 — Planta ornamental. — Lêr repetidamente.

Porque dizem que dá sete anos de infortunio a quebra de um espelho?

Antes de existirem os espelhos — dos quais os primeiros foram bocados de metal polido — eram os tanques ou as poças de água que faziam as vezes deles para a humanidade.

As criaturas primitivas acreditavam que o que viam na água era um reflexo da sua alma. Acreditavam ainda que as rugas da água que apareciam nesse reflexo presagiavam infelicidade. Esta antiga superstição sobreviveu até se inventarem os espelhos de vidro, cerca de 1300. Surgiu, então, a idéa de que as rachas num espelho, não deixando reflectir devidamente a imagem, eram, tal qual as rugas da água, sinal de imminente infortunio. A crença dos sete anos de duração desse infortunio proveiu do facto bem cabido de que o homem se renova durante esse prazo de tempo, persistindo nêle a infelicidade até ao complemento dessa renovação.

ILUSÃO DE ÓPTICA



Custa a acreditar que as linhas A B, C D e E F sejam do mesmo tamanho. Medindo-as, porém, com uma régua, logo se verá que assim é.



LUGAR AO REI

Esta curiosa e bonita paciência com pedras de xadrez, pode ser efectuada, satisfatoriamente, pelo emprêgo das nove casas de um qualquer dos quatro cantos do taboleiro do xadrez e com as pedras indicadas no diagrama junto, a saber:



o rei, a rainha, uma torre, dois bispos e três peões. Consiste em fazer com que o rei abandone a casa onde está agora e vá ocupar a casa vaga do diagrama. Bem entendido que as pedras se devem mover precisamente segundo as regras do jôgo, donde se vê que os peões não podem executar movimento nenhum e servem só para obstruir as casas onde estão colocados. A unica condição especial a atender é simplesmente esta: ao rei nunca é permitido mover-se para a casa central. Ora, é isto que causa o embaraço todo e que complica a paciência. Sua Magestade tem de limitar-se a transitar pelas casas do ângulo do taboleiro, obrigando os outros personagens a um excesso de actividade, até conseguir acomodar-se á medida do seu desejo.

BRIDGE

Espadas. — Dama, 2.
Copas. — 5, 4.
Ouros. — Dama, Valeta.
Paus. — 5.

Valeta, 10. — Esp. A Espadas. — 8.
padas. 7, 5.
Valeta, 7. — Copas. C D Copas. — 3.
6. — Ouros. Ouros. — 7, 5, 3.
7, 4. — Paus. B Paus. —

Espadas. — 9, 3.
Copas. —
Ouros. — 10, 9, 8.
Paus. — 10, 9.

O triunfo é paus. B é mão e faz as vasas todas.

(Solução do numero anterior)

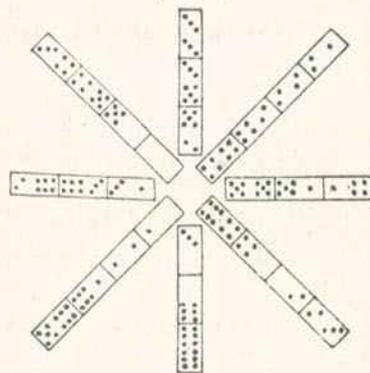
B: 1 copas. C: 2 espadas. A: 3 oiros. D: 3 sem triunfo. (Isto é o unico juizo que D. pode fazer acerca do jôgo de C. Dobrar e todo o mais seria mais incerto). B: 4 paus. C: 4 sem triunfo.

Quatro espadas de C ou quatro copas de B nunca poderiam convir.

O resultado do jôgo depende da saída de B. Se sair por páus, os feitos podem fazer 10 ou 11 vasas, se aproveitarem bem o jôgo. Sendo por copas, os feitos não podem fazer mais de 9 vasas.

ESTRÊLA DE DOMINÓ

(Solução)



A gravura mostra uma solução exacta. As pedras estão colocadas segundo a regra costumada, os pontos de cada raio somam 21 e os números centrais são 1, 2, 3, 4, 5, 6 e dois nadas.

ANEDOTAS

— Oh! meu caro Honorato! Já almoçaste?
— Já, sim. Porquê?
— Tenho pena. É que se não tivesses, pedia-te que viesses almoçar comigo.
Passados dias, novo encontro e nova pergunta:
— Já almoçaste?
— Não. Hoje, não!
— Então, não te quero demorar. Vai ao teu almoço, e conversaremos noutra ocasião.

— A D. Adelaide está convencida, e assim o afirma, de que o amigo possui o mais completo bom gosto a respeito de arte.

— Não me admira, no outro dia disse-lhe, que ela tinha um rosto formosíssimo.

Ele: — V. Ex.^a lembra-se da Sofia Lima, que foi sua companheira de collegio?

Ela: — Perfeitamente. Era muito estúpida e arranjava-se sempre muito mal. O que é feito dela?

Ele: — E' hoje minha mulher.

— Cá venho, hoje, no jornal, outra vez. — Onde?

— Nesta secção de estatistica. «No fim do ano passado havia em Lisboa mais de quatrocentos mil habitantes.» Ora, eu era um deles.

Canibal (a um missionario capturado): — Tem algum desejo particular a satisfazer, antes de ir ser cosinhado?...

Missionario: — Desejava poder prégar mais um sermão sobre as vantagens do regimen vegetariano.

A GRAÇA INGLESA



A TIA — Ó menina, não ponhas mais desse biton. Pode haver algum boi bravo no meio daqueles.

(«Do Punch»).

A' venda a 9.ª edição
DE
Doida de Amor

NOVELA

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

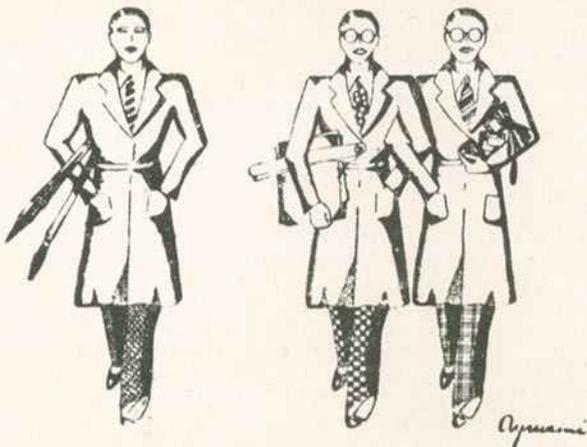
«Conhece-se através deste livro o psicólogo subtil, penetrante, escrupuloso, exacto, capaz de percorrer quilómetros sobre uma folha de rosa, de explicar em vinte volumes de análise a sombra furtiva de um capricho de mulher».
 — **Julio Dantas.**

1 vol. de 276 pags., brochado
10\$00
 Encadernado **14\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
 73, Rua Garrett, 75—LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE
 2 1368

BERTRAND
IRMÃOS, L. DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

...é só **FLIT**
 que me
 convem...



Não quero nem
 só um nojento insecto
 em minha casa

Para que dar albergue aos pestilentos insectos quando, o poderoso FLIT, é tão económico e fácil de aplicar? Moscas, mosquitos e todos os abomináveis insectos, que diminuem o seu bem estar e fazem perigar a sua saúde, são rapidamente mortos vaporizando FLIT que é inofensivo para o homem e não mancha. O FLIT é vendido *unicamente* nas latas amarelas *seladas*, com o soldado e a barra preta, e nunca de outra forma.



Representantes Exclusivos para Portugal, Ilhas e Colónias
ESTABELECIMENTOS JERONIMO MARTINS & FILHOS
 13, Rua Garrett, 23—LISBOA

Acaba de sair a 3.ª edição

ANTEU

POEMA DRAMÁTICO
 — POR —

JOÃO DE BARROS

1 volume brochado 8\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
 73, Rua Garrett, 75—LISBOA

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



Verdadeira Enciclopedia da Vida Prática

COLECÇÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS
 OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS
 A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensavel em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz tambem plenamente quantos sobre **todos os ramos profissionais e artisticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia

Obra de incontestavel utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR—MEDICINA PRÁTICA—SOCORROS DE URGÊNCIA—MOBILIÁRIO—LAVANDERIA—FARMÁCIA DOMÉSTICA—JARDINAGEM—PRODUTOS ALIMENTARES—COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS—PERFUMARIA—ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO—SEGREDOS DO TOCADOR—CONSERVAS—ANIMAIS DOMÉSTICOS—MANUAL DO LICOREIRO—METAIS—LIGAS E CIMENTOS—COURO E PELES—ANIMAIS DANINHOS—COPA E DOÇARIA—LAVORES FEMININOS—HIGIENE DA BELEZA—PASSATEMPOS—LAVAGEM DE NÓDOAS—TECIDOS E VESTUÁRIO—VIDRARIA—ADUBOS—HORTICULTURA—VETERINÁRIA—VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

1 grosso volume de 1.152 páginas lindamente encadernado em percalina a côres e ouro, custa apenas 30\$00

Pedidos às boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL—Rua da Condessa, 80—LISBOA

Biblioteca de Instrução Profissional

UMA OBRA DE ALTO VALOR

VOCABULÁRIO

DE

TERMOS TÉCNICOS

EM

Português, francês e inglês

COM 6.318 VOCABULOS

Pelo engenheiro-maquinista

RAUL BOAVENTURA REAL

1 vol. de 557 pags., encadernado

30\$00

PEDIDOS A

LIVRARIA BERTRAND

75, RUA GARRETT, 75

LISBOA

Mil e um Segredos de Oficinas

Seguidos das tabelas de M. Exupère

para a

Convesão de quilates em milésimos

por

MARCEL BOURDAIS

Tradução de

CARLOS CALHEIROS

Obra indispensável a todos os que se occupam de reparações nas oficinas e a quem interessa conhecer as diferentes receitas e segredos para a douradura, prateadura, niquelagem, bronzagem, envernizamento, ligas, limpeza das joias, objectos de arte, e para qualquer operação de joalharia, ourivesaria, relojoaria, instrumentos de óptica, aparelhos de electricidade, armas, velocipedes, etc., e também para quem pretender organizar uma pequena indústria fácil e barata

1 volume de 300 páginas, brochado . . . 10\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

Manual do Condutor de Automóveis

2.ª EDIÇÃO ACTUALIZADA

Aos condutores de automóveis recomenda-se este manual como imprescindível para a sua educação profissional, pois contém a

Descrição do aparelho motor, motores e seu funcionamento, lubrificação, carburação, alimentação de gasolina, arrefecimento do motor, princípios de electricidade e inflamação. Órgãos auxiliares, transmissão, arranque, leito, molas, eixos, direcção, rodas, pneumáticos, camaras de ar e iluminação. Caixas de carros e seus acessórios, aparelhos de alarme. Condução e avarias. Tipos de automóveis, leitos (chassis), caminhões, motocicletas. Garage, conservação e reparação, indicações úteis, tabelas, legislação, etc., por

António Augusto Mendonça Teixeira

Um volume de 670 páginas,
encadernado em percalina
Escudos **25\$00**

Pedidos aos Editores: **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

POR **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortoépico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APÊNDICE: O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, **15\$00**

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Saiu a nova edição

CARTAS

de

ALEXANDRE HERCULANO

2 volumes de 594 páginas, brochado **20\$00**
Encadernado **28\$00**

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Acaba de sair:

Um livro notavel

Arte de prolongar a mocidade e a vida

PELO Dr. A. LORAND

Médico em Carlsbad

TRADUÇÃO DO DR. JOSÉ BACELAR

MÉDICO

Obra publicada nos seguintes países: Alemanha, Inglaterra, Hungria, Checoslovaquia, Espanha, Holanda, Estados Unidos, Italia, Suécia e França

INDICE:

CAPITULO I — Relação das glandulas vasculares sanguineas com a velhice

I. A velhice precoce é devida a alterações das glandulas vasculares sanguineas: glandula tiroideá, glandulas genitais. — II. Influencia das glandulas sanguineas sobre o sistema nervoso. — III. Factores que concorrem para alimentar os tecidos e compor o nosso aspecto exterior. — IV. Relação das glandulas vasculares sanguineas com a hereditariedade e a longevidade.

CAPITULO II — A velhice

I. Causas da velhice. — II. Generalidades sobre a maneira de afastar e de tratar a velhice.

CAPITULO III — Desintoxicação do organismo

I. Generalidades sobre a destruição e a eliminação das substancias toxicas. — II. A actividade tiroideá sustentada por uma hygiene bem compreendida. — III. Hygiene do fígado. — IV. Modos de evitar as influencias que prejudicam as capsulas supra-renais. Causas e tratamento de arterioesclorose. — V. Causas e tratamento da prisão de ventre cronica. — VI. Hygiene do intestino. — VII. Causas e profilaxia da apendicite. — VIII. Causas das doenças dos rins e maneira de evitá-las. — IX. Eliminação das substancias toxicas pela pele.

CAPITULO IV — Hygiene da pele e dos rins

I. Algumas notas sobre a hygiene da pele. — II. Maneira racional de vestir. — III. Os banhos — IV. Meios de provocar o suor. — V. Algumas considerações sobre os pés frios.

CAPITULO V — Ar, luz e movimento

I. Desportos e exercicios físicos. — II. Acção terapeutica da luz solar. III. A vida ao ar livre. — A ginastica respiratoria. — IV. Perigo da permanencia nas casas fechadas. — V. O aquecimento higienico e aquele que não é higienico.

CAPITULO VI — Hygiene alimentar

I. Algumas considerações sobre a hygiene alimentar. — II. Alimentação carnea. Suas vantagens e seus perigos. — III. Hidratos de carbono e gorduras. Utilidade dos legumes e das frutas. — IV. O abuso da carne é prejudicial. — V. Vantagens duma alimentação lactea abundante. — VI. Vantagens e inconvenientes dum regimen vegetariano exclusivo. — VII. Excitantes do apetite. Vantagens duma boa mastigação. — VIII. Vantagens e inconvenientes do alcool. — IX. Causas do alcoolismo. Maneira de fugir a elle.

CAPITULO VII — O sono

I. O sono e as suas funções anti-toxicas. — II. Hygiene do sono. — III. Tratamento racional da sonolencia e da insonia.

CAPITULO VIII — A vida sexual

I. Influencia das glandulas sexuais sobre a vitalidade e a longevidade. — II. Hygiene sexual. Perigos da superactividade ou da abstinencia sexual completa. — III. Vantagens do matrimonio.

CAPITULO IX — Hygiene do espirito

I. A velhice é muitas vezes consequencia das agitações da alma. — II. Algumas reflexões sobre a maneira de evitar e de tratar a má disposição, os desgostos e a angustia. — III. Vantagens higienicas do espirito religioso. — IV. A doença não é mais de que a expressão das tentativas de cura da natureza. — V. Conselhos higienicos áqueles que se dedicam a um trabalho intellectual intenso.

CAPITULO X — Tratamento da velhice

I. Tratamento medico da velhice. — II. Profilaxia e tratamento da velhice por meio da organoterapia. — III. Tratamento da velhice pelos raios ultra-violetas, do sol natural ou do sol artificial. — IV. Emprego do sangue como alimento ferruginoso e como alimento organoterapico.

CAPITULO XI

Como guardar um aspecto juvenil.

CAPITULO XII

Os doze mandamentos da longevidade.

1 volume de 244 páginas, brochado. **10\$00**

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS
Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**O MESTRE POPULAR
OU
O INGLÊS SEM MESTRE**

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura,
no alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros
por JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA

8.ª EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

A' venda em todas
as boas livrarias

A 7.ª EDIÇÃO, REVISTA

O último olhar de Jesus

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

1 volume de 375 páginas { brochado 12\$00
encadernado 16\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Como se faz fortuna

POR

SILVAIN ROUDÉS

Um livro oportuníssimo, na época
presente, em que a febre de enri-
quecer se faz sentir mais do que
nunca

1 vol. de 264 pags., br. 8\$00

PEDIDOS A

Livraria BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Livros da Biblioteca de Instrução Profissional

PARA AS ESCOLAS INDUSTRIAIS

Algebra Elementar, 1 vol. enc.	13\$00
Aritmética Prática, 1 vol. enc.	13\$00
Desenho Linear Geométrico, 1 vol. enc.	12\$00
Elementos de Química, 1 vol. enc.	14\$00
Elementos de Mecânica, 1 vol. enc.	12\$00
Elementos da História de Arte, 1 vol. enc.	25\$00
Física Elementar, 1 vol. enc.	14\$00
Geometria Plana e no Espaço, 1 vol. enc.	14\$00
O Livro de Português, 1 vol. enc.	12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Dicionários do Povo

Colecção de dicionários na ortografia oficial, por-
táteis, económicos, completos, indispensáveis em
todas as famílias, escolas, bibliotecas, escritórios
comerciais e repartições públicas. Dicionários pu-
blicados:

- N.º 1 — **Português** — 860 págs.
- N.º 2 — **Francês-português** — 800 págs.
- N.º 3 — **Português-francês** — 818 págs.
- N.º 4 — **Inglês-português** — 920 págs.
- N.º 5 — **Português-inglês** — 664 págs.
- N.º 6 — **Latim-português** — 552 págs. (Le-
tras A-O).
- N.º 7 — **Idem** — 576 págs. (Letras P-Z).
- N.ºs 2 e 3 juntos — **Francês-português e**
Português-francês.
- N.ºs 4 e 5 juntos — **Inglês-português e**
Português-inglês.
- N.ºs 6 e 7 juntos — **Latim-português.**

Cada dicionário enc. em percalina. **15\$00**

Os dois dicionários juntos, enc. **28\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
R. Garrett, 73, 75 — LISBOA

Saiu a nova edição

**ESTUDOS SOBRE
O CASAMENTO CIVIL**

POR

ALEXANDRE HERCULANO

1 volume de 284 páginas { brochado 10\$00
encadernado 14\$00

PEDIDOS A

LIVRARIA BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

O genial romance da guerra

Os Grilhetas do Kaiser

por THEODORE PLIVIER

marinheiro alemão durante a Grande Guerra no Mar

Um brutal quadro realista que é a mais bela obra
da literatura alemã dos nossos dias. **A batalha**
da Jutlandia e os seus horrores, visto por
um marujo russo

1 vol. broc. com 260 págs. 10\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	15\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (2.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 volume Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PATRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50
ALTA RODA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENORIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANGIERAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRAGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA
OU À LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal
Saíu o tomo 36 completando o 3.º e último volume
da monumental

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA

publicada sob a direcção
de

Albino Forjaz de Sampaio
da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a cores e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a cores fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a cores e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fóra do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada tomo de 32 páginas 10\$00

**AINDA SE ACEITAM ASSINATURAS
DURANTE ALGUMAS SEMANAS**

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00
" " " " carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Saude Perfeita

TODAS as creanças devem tomar a deliciosa OVOMALTINE todos os dias para lhe assegurar uma perfeita saude.

Esta preciosa bebida alimentar fornece numa forma concentrada todos os elementos nutritivos e vitaminas essenciaes para a saude.

A OVOMALTINE é preparada com leite, extracto de malte, ovos frescos e cacau, que são os melhores alimentos da natureza. Os ovos são particularmente importantes porque fornecem o fosforo organico, um elemento essencial para fortalecer o cerebro e os nervos.

A OVOMALTINE é o mais rico alimento concentrado sendo portanto o mais barato no custo.

OVOMALTINE

E A SAUDE

A venda em todas as farmacias, drogarias e boas mercearias, em latas de 110, 250 e 500 grs. aos preços de 8\$50, 16\$00 e 30\$00

DR. A. WANDER, S. A. Berne

UNICOS CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL

ALVES & C.^a (IRMÃOS)

RUA DOS CORREIROS 41 2.^o - LISBOA